

BCCP/UFC 2022  
ANO 3 NÚMERO 1

# Biblioteca Em Cena



**Biblioteca universitária**  
Biblioteca Central do Campus do Pici



# Livros livres

2016 ♥ 2022

6 anos

*Compartilhando saberes*



## Expediente

Biblioteca Em Cena é uma publicação realizada pelo Projeto Arte na Biblioteca da Biblioteca Central do Campus do Pici Prof. Francisco José de Abreu Matos (BCCP) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

**Ano: 3**

**Número: 1**

**Reitor da Universidade Federal do Ceará:** José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

**Diretor da Biblioteca Universitária:** Felipe Ferreira da Silva

**Chefe da BCCP/UFC:** Nonato Ribeiro

**Coordenação do Projeto Arte na Biblioteca:** Francisco Moura, Islânia Castro e Nonato Ribeiro

**Idealização e Concepção Artística:** Rebeka Lúcio e Suzana Figs

**Editores:** Francisco Moura, Islânia Castro e Nonato Ribeiro

**Projeto Gráfico e Diagramação:** Suzana Figs

**Redação:** Francisco Moura e Nonato Ribeiro

**Colaboradores nesta edição:** Antonio Wellington de Oliveira Junior, Anderson Pereira, Andressa Mendonça, Caio Victor Brito, Edvaldo Ramos Leite, Eliezer Nogueira do Nascimento Júnior, Francisco das Chagas, Francisco Moura, Iago Filipi, Leonardo Costa, Luca Salri (Centreiro), Nonato Ribeiro, Raquel da Silva Nascimento, Rebeka Lúcio.

**Imagens:** Acervo BCCP/UFC, Canva e acervo pessoal dos colaboradores e ilustradores (Aurora, Bia Caru, Edvaldo Ramos Leite, Gondim e Ruggieri)

Fortaleza, janeiro - outubro de 2022  
Biblioteca Central do Campus do Pici Prof. Francisco José de Abreu Matos (BCCP) da  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Campus do Pici, s/n, bloco 308 (1º andar) – CEP 60440-970 – Fortaleza – Ceará  
artenabiblioteca@ufc.br / Fone: (85) 3366-9515

Facebook: @bccpufc @artenabiblioteca

Instagram: @bccpufc / Twitter: @bccpufc

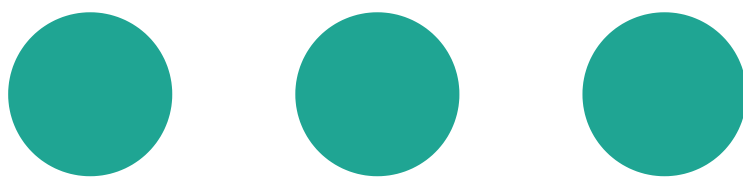
Youtube: bibliotecacentralcampusdopic

<https://tinyurl.com/spotifyartenabiblioteca>





# Biblioteca Em Cena





## 5 Editorial

## 7 Livros Livres

Livros conectando Pessoas  
**Andressa Mendonça**

## 9 Lugar de Poesia

Passo  
**Rebeka Lúcio**

## 11 Escrita Livre

Maya e a Janela: O que  
será que ela vê nela?  
**Leonardo Costa**

## 12 Escrita Livre

Poesias  
**Anderson Pereira**

## 13 Cineclube Além dos Muros

HEARTSTOPPER: um passo  
à revolução amorosa LGBT  
**Caio Victor Brito**

## 17 Arte e diversidade

Heróis LGBTQIA+  
nas histórias em quadrinhos  
**Nonato Ribeiro**

## 21 Além dos Muros

SEMPRE FOMOS MODERNOS!  
**Antonio Wellington de Oliveira Junior  
e Eliezer Nogueira do Nascimento  
Júnior**

## 27 Fica Zen

Biblioterapia: uma  
experiência de leitura com  
valor terapêutico  
**Francisco das Chagas**

## 30 CAPA

Livros Livres:  
Compartilhando saberes  
**Francisco Moura**

## 35 Afições Acústicas

Cena do RAP local em foco  
**Iago Filipi**

## 38 Biblioteca Explica

Os serviços da Biblioteca Universitária  
para pessoas com deficiência.  
**Raquel da Silva Nascimento\***

## 41 Em Foco

Praça do Ferreira: Onde o coração  
da cidade pulsa!  
**Centreiro (Luca Salri)**

## 50 Ilustra

Mostra Diversidade  
**Edvaldo Ramos Leite  
Aurora  
Bia  
Caru  
Gondim  
Ruggieri**

Arte na Biblioteca 2022: Francisco Moura [@chicomouraf] Coordenador do Arte na Biblioteca, arte-educador e estudante de cinema. Islânia Castro [@islaniacastro20186853] Bibliotecária, agente pastoral, leitora. Participa de projetos de compartilhamento de livros e incentivo a leitura. Nonato Ribeiro [@nonatobibliol] Bibliotecário, leitor, nordestino e gay! Doutor em Ciência da Informação com interesse nas temáticas Informação e Diversidade sexual, Competência em Informação e Bibliotecas Universitárias. **Bolsistas:** Andressa Mendonça [@leiotanto], Daniel Freitas [@danielfreitas], Iago Filipi [@iagofilipi], Ruggieri [@cachorramaga] e Suzana Figs [@suzzfigs].

## EDITORIAL

Chegamos à terceira edição da Revista Biblioteca Em Cena, importante instrumento de disseminação das ações desenvolvidas no Projeto Arte na Biblioteca, tocado pela Biblioteca Central do Campus do Pici da Universidade Federal do Ceará.

De caráter plural, a revista segue com seu objetivo de difundir, de maneira livre e irrestrita, os estudos, pesquisas e produções que a equipe do Projeto vem desenvolvendo, seja cientificamente, artisticamente ou tecnicamente, aproximando o público atendido pela biblioteca, que vai além da comunidade acadêmica da UFC. Inclusive, destaca-se que a publicação da revista atende ao eixo 5.14 do Plano de Desenvolvimento da Instituição (PDI) da UFC, que visa ampliar a divulgação externa dos projetos e das pesquisas da UFC, dando destaque às suas contribuições para a sociedade.

Biblioteca Em Cena reúne nesta terceira edição uma diversidade de temas e formas de escrita, desde as mais acadêmicas, as generalistas, as poéticas, as informativas, as ensaísticas, as literárias, as imagéticas, dentre outras.

Na seção “Livros Livres”, nossa bolsista de Literatura Andressa Mendonça analisa a relação de compartilhamento entre autor e leitor, à luz de notas do escritor argentino Alberto Manguel. Reconfiguramos a coluna “Lugar de Poesia”, com o ensaio de Rebeka Lúcio sobre a poesia presente em uma fotografia e no ato de fotografar.

Em “Cineclube”, Caio Victor Brito discorre sobre a série britânica Heartstopper (Netflix), que encheu nosso coração de fofura e amor, ressaltando sua importância para a naturalização do amor e do romance com finais felizes para pessoas LGBTQIA+. Aliás, a visibilidade dessa pauta segue em destaque na seção “Arte e Diversidade”, que aborda a presença de super heróis LGBTQIA+ nas histórias em quadrinhos, tema que ganhou as manchetes em 2019, a partir da censura que queriam impor a capa de um exemplar com dois heróis se beijando, disponível na Bienal do Livro do Rio de Janeiro.



Em “Além dos muros”, passeamos até o Benfica, no Museu de Arte da UFC e sua exposição “Sempre fomos modernos”, com curadoria de Antonio Wellington de Oliveira Júnior (Professor Associado da UFC) e Eliezer Nogueira do Nascimento Júnior (Doutor em Design ESDI/UERJ). A exposição propõe um olhar crítico sobre a contemporaneidade através dos centenários da Semana de Arte Moderna brasileira e do nascimento dos pintores cearenses Aldemir Martins e Antônio Bandeira.

Na coluna “Fica Zen”, nosso bibliotecário Francisco das Chagas elabora ensaio sobre a Biblioterapia enquanto experiência de leitura com valor terapêutico.

Na liberdade da seção “Escrita Livre”, Leonardo Costa apresenta crônica poética sobre sua experiência de paternidade e algumas poesias de Anderson Pereira, ex-servidor da BCCP.

A nossa matéria de capa é para celebrar os 6 anos do Projeto Livros Livres. Francisco Moura, coordenador do Projeto Arte na Biblioteca discorre sobre a implantação, desenvolvimento e expansão desse importante projeto de compartilhamento de livros, que foi a semente para o Arte na Biblioteca.

Nosso bolsista Iago Filipi apresenta a cena local de RAP na coluna “Afinações Acústicas”, discorrendo sobre o artista periférico Bakkari. No texto informativo do “Biblioteca Explica”, a bibliotecária Raquel Nascimento apresenta os serviços de acessibilidade informacional desenvolvidos pela BCCP. Na coluna “Em Foco”, vários takes da Praça do Ferreira por Lucas Salri, o @centreiro.

A revista é fechada com muita arte visual, expondo o trabalho de diversos ilustradores da cidade.

**Desejamos uma ótima e prazerosa leitura da revista!**



# LIVROS CONECTANDO PESSOAS

A leitura não é uma atividade solitária, passiva. Ao desbravar as páginas de um livro, o leitor não apenas lê, mas é lido; sai compreendendo os dilemas universais e particulares.

Por **Andressa Mendonça\***



Nas cartas que **Khalil Gibran** envia para **Mary Haskell**, seu grande amor, ao falar sobre o Belo, afirma que o ser humano que encontra a beleza não pode guardá-la para si. Aquele que a encontra, sente a inevitável necessidade de compartilhá-la, de mostrá-la ao mundo, na busca de proporcionar ao outro o sentimento que por ele foi sentido. Seria como na Alegoria da Caverna: quem encontra a Verdade não pode ser feliz sabendo que muitos vivem no plano das aparências.

Na literatura, as coisas também funcionam assim: não há leitor que não sinta o desejo de falar sobre os livros que leu; que não sinta a necessidade de indicar suas melhores leituras para outros leitores; que não queira citar, em cada conversa, os trechos de sua obra favorita e que não encontre palavras de afeto para cada fase da vida nos livros de sua estante. A emoção foi feita para ser sentida em grupo.

**Alberto Manguel** é quem fala sobre esse compartilhamento. Em suas "**Notas para a definição de um leitor ideal**" conta que, há muitos anos, na beira da fogueira que a aquecia, a humanidade quis olhar para além, quis contar histórias e, ao contá-las, percebeu que alguns rostos demonstravam interesse. Desde então, ela conta causos, inventa, tece e borda narrativas.

Por mais que o tempo tenha passado, não deixamos de usar as palavras para aguçar a imaginação, não deixamos de utilizar a literatura para desfazer os laços que acabaram virando nós. **Maria Lajolo**, na introdução do livro **Ler e brincar, tecer e cantar - Literatura, escrita e educação**, fala sobre a capacidade da literatura de nos fazer entrar em uma outra realidade e fazer com que voltemos para a nossa transformados, renovados. Essa transformação é de uma vida toda, pois como disse **João Guimarães Rosa** em seu **Grande Sertão: veredas**:

**"O mais importante e bonito do mundo é que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que estão sempre mudando. "**



\* **Andressa Mendonça** [[@leiotanto](#)] Estudante de Letras Português - Literatura, criadora do perfil literário [@leiotanto](#) e fundadora da **Biblioteca Comunitária Professora Maria Miguel**.

Como forma de contribuir para essa transformação, o **Clube de Leitura Livros Livres** tem proporcionado momentos de leituras e conversas na **Biblioteca do Campus do Pici da Universidade Federal do Ceará**. Nos encontros, que são organizados mensalmente por temas, os participantes leem, compartilham suas impressões e as leituras que fazem de cada texto. Muito mais importante do que ler, é absorver o conteúdo lido e aplicá-lo à vida.

A leitura não é uma atividade solitária, passiva. Ao desbravar as páginas de um livro, o leitor não apenas lê, mas é lido; sai compreendendo os dilemas universais e particulares.

Conhecemos pessoas e obras novas, discutimos os textos, somos livres para expor nossas interpretações. Aliás, como disse **Cecília Bajour**: o ato de leitura consiste em grande medida na conversa sobre os livros que lemos. De modo geral, a leitura não é apenas o momento de decodificação dos símbolos, mas de interação, de atravessamentos.

É por isso que o leitor não morre sozinho; basta abrir um livro para que seja abraçado pelas palavras de alguém. Há quem diga que há um fio unindo as pessoas. Arrisco dizer que há muitos fios, sendo a literatura um deles; um universo, único verso.





# Passo

Por Rebeka Lúcio\*



A foto é um registro que congela o tempo.

Brinca de pausar esse menino travesso que se chama tempo temporão. No tempo que brinca de se esvaír os segundos escapolem da gente.

Correm, voam, escorregam. Levando os minutos, as horas, os dias, os meses e os anos o tempo inventa travessuras e faz travessia. O que perdemos e quanto de nós fica pelo caminho?



Entre achados e perdidos, quantos momentos são esquecidos?

Na lembrança, poeira e saudade.

A fotografia é um retrato que pausa o tic-tac que tiquetaqueia sem cessar para gravar uma memória traduzida em imagem.

Seja um sorriso, um olhar, um beijo, um abraço, uma felicitação.



\***Rebeka Lúcio** [[@rebekalucio](#)] Atriz-pesquisadora, apresentadora, produtora cultural, viajante: contadora de histórias. Mestre em Artes.





Casamento, batizado, aniversário, um momento a ser registrado que seja, é o que guardamos no álbum para recordar. Se diz o clichê que recordar é viver, o que reavivamos ao ver uma foto? Resquícios do que foi. Verdades imaginadas. Fragmentos do que foi vivido.

Nesse entardecer, encaro o mofo para pescar memórias. Dentre muitos fragmentos de um tempo que corre e brinca de me fragmentar, encontro-me com olhos de menina, descobrindo a vida que ainda nem compreendo.

Brasília- Distrito Federal. 312 Norte. 16h, talvez, 17h, quem sabe 18h, pros lados do Planalto Central o crepúsculo demora mais a acontecer. Com sorriso nos olhos, sou vestida com a camisa de listrinha para o passeio que traz a tal vitamina D tão recomendada para fortificar os ossos e trazer saúde. Como um cachorro espilicute que adivinha a hora do passeio balanço os bracinhos no berço e me espevito como dança o cachorro com o rabo na hora de sair.

Na disciplina necessária aos cuidados com o bebê, minha mãe me abraça, me acolhe e me veste porque está na hora de sair para ver a vida, respirar a tarde e aspirar vitamina D, aquela tal. Antes, uma mamadeira? Talvez, é preciso passear bem alimentada.

Aquele sabor de leite quentinho que acalma e alimenta. Com meses que se achegavam a sete eu já não mamava, mas a fome bezerril orquestrava o choro que se acalentava em seguida.

No prédio que morava com meus avós e minha mãe, fim de tarde era hora de passear, como é comum aos bebês e aos cachorros. Nesse dia, com máquina em punho, em um tempo ainda não digital, em que os cliques e as poses eram mais seletivos, aquela que eu aprenderia a chamar de mamãe alguns meses depois, registrou meus primeiros passos.

Sem titubear, sorri para a vida e andei.  
Com coragem. Sem medo. 1, 2, 3...

Sequenciando passos, estava aprendendo a andar, afinal. Com todo ímpeto e coragem com que desbravamos a vida na fase inicial da vida, fui. Sem titubear. Sem ponderar o risco.

Nesse momento gravado no fragmento do tempo que se nomeia fotografia, observo meus olhos, percebo o sorriso que vai ao encontro da fotógrafa e penso quanto de nós vai se esvaindo como as fotografias que amarelam com o tempo.

Nas tardes que chegam e partem quanto de nós se despede depois de mais um dia? Onde me encontro? Onde me perco? Onde me resgato? O que a gente deixa de ser depois que cresce? Como um cachorro que balança o rabo na hora do passeio, talvez, seja preciso sorrir com os olhos, encarar o risco e se alegrar com um simples fim de tarde.

Em que ponto do mapa estão suas raízes? Por onde voam suas asas e como você tem colorido memórias?

Te convido a fazer um exercício imagem-palavra, transmediando saudades que passeiam na rota do tempo-temporão, em que você menino ainda não era essa criança grande de hoje cheia de adultices e obrigações na vida.

Que tal resgatar uma foto antiga e revisitar por palavras sua antiga versão, descongelando-invencionando memórias do dia daquele registro congelado no papel fotográfico.

O tempo não foi. Ele é.  
Traves(s)ia...





# MAYA E A JANELA

O que será que ela vê nela?

Por Leonardo Costa\*

E já fazem 8 meses que ela nasceu e veio desbancar meu mundinho concebido e estabelecido de manias e conceitos. Antes disso...



**Notícia:** Em meados de junho de 2021 que recebi a notícia, com 5 confirmações farmacológicas e 1 laboratorial, que não estava mais só pra canto algum que eu fosse. E, ainda de quebra, 2 vesículas que se formaram espontaneamente dentro daquele vazio na tela do ultrassom.

**A Grande Ficha Sempre Cai:** Foi um processo de aceitação... “A Grande Ficha” que caía toda vez que lembrava ou era lembrado de que tudo havia mudado e era um frio na barriga. Um misto de gostoso e medo de um futuro tão alterado mas jamais negado. Amei-as desde o dia que as vi pela primeira vez na tela do exame. E toda vez que via, filmava. Documentava. Amava tudo que estava fazendo e participando ali.

**Primeiro Trimestre:** Na função que me pus, espectador vívido e virgem, amando cada pedacinho de momento. Tão inocente e iniciante quanto me fosse possível. Ainda mais em dobro. O medo e um tom de desespero só perdiam pra felicidade que envolvia tudo. Quase uma euforia que me tomava e me movia todo dia. Espectador assíduo e esperançoso.

**Definições:** Decidido pelo universo que seriam duas meninas que estavam ali dentro do forninho biológico produzindo gente com a junção de uma gama de material genético. Duas alminhas que aceitaram essa tarefa de progredir e ensinar. Aprender e viver conosco. E eu ali, ansioso por tudo e esperançoso por cada aula prática, enquanto ganhava volume.

**Segundo Trimestre:** Movimentos. Muitos movimentos ali dentro do aquário. Quando recebi o primeiro chute ao encostar o rosto na barriga, muita emoção se esvaiu por mim. Vertendo, como agora ao lembrar, lágrimas o suficiente para encher copinhos e mais copinhos. Só emoções sobre tudo que se seguiu. Ali, quem me acertava com carinho, talvez pelo incômodo que causei no espaço ainda não tão apertado, foi **Malu**. O nome foi em homenagem a uma amiga querida que viria a ser madrinha da mesma. Tudo definido. Do outro lado do ventre estava **Maya**. Ambas crescendo, cada uma à sua maneira.

Continua...

LC.  
2020  
21-DEZ



\*Leonardo Costa [[@leonardo.costa\\_arte](https://www.instagram.com/leonardo.costa_arte)] Ator-bonequeiro. Graduado em filosofia pela UFC. Poeta desde a tenra idade. Artista multifacetado de produções culturais que acabou juntando muita arte com a Nayara pra produzir a Maya e dar outra cor pra esse mundo. Um milagre a cada dia... e, todo dia uma novidade.





# POESIAS

Por Anderson Pereira\*



Sempre quis entender o porquê  
a vida não é linear.  
A vida, às vezes, vai pra lá, às  
vezes, vem pra cá.  
Talvez, seja porque a vida não é  
sobre roteirizar.  
A vida é como água do mar e  
acho que é nesse balançar que  
a gente vai entendendo que dá.  
Dá pra brincar, dançar, amar.  
Dá pra sorrir, mas, também, pra  
chorar.  
A vida não é sobre ter ou ser. A  
vida é sobre estar. Estar  
presente, estar consciente.  
Hoje eu estou feliz, mas amanhã  
posso não estar.  
Tudo bem, vai passar. Tudo é  
muito relativo e tudo pode  
mudar. Por isso, escolha todos  
os dias estar.  
A vida é fluida. É preciso aceitar  
que o bom da vida é caminhar.

Anderson Pereira

*presente*

## Sobre Empatia

1/2

É sempre a mesma ladainha pra  
justificar a falta de empatia.  
Você não conhece as dores, nem  
os amores.  
Mesmo assim, não quer conhecer.  
Você não sabe da luta pela  
existência, não entende a  
resistência.  
Mesmo assim, não quer entender.  
Você não respeita a fé, não sabe  
o esforço que é, todos os dias  
ficar de pé.  
Mesmo assim, não quer saber.  
No seu mundo ideal, apenas o  
semelhante é genial.

*empatia*





# HEARTSTOPPER:

## um passo à revolução amorosa LGBT

Por Caio Victor Brito\*



No dia 22 de abril de 2022, a *Netflix* lançou o primeiro episódio da série britânica *Heartstopper*, uma adaptação das HQs homônimas de Alice Oseman sobre a história de Nick e Charlie, dois garotos que se conhecem em uma escola primária apenas para meninos e rapidamente se tornam amigos. Charlie é um dos únicos alunos abertamente gay, sendo um pouco nerd e com a tendência de pensar demais em tudo. Enquanto Nick é o popular capitão do time de rúgbi que pensa ser heterossexual, mas alguns sentimentos românticos começam a florescer entre os dois e a série explora a descoberta da bissexualidade de Nick e o amadurecimento do seu relacionamento com Charlie.

Quando pediram para Alice Oseman descrever *Heartstopper* em uma palavra, ela escolheu “*joyful*”. Esse sentimento de imenso prazer e felicidade se refletiu bastante em meio ao público logo na primeira semana após a sua estreia na *Netflix*, que atribui à série o extraordinário mérito de trazer visibilidade à importância de narrativas mais leves e inclusivas para a comunidade LGBT+, e que sejam protagonizadas pelo romance ao invés da violência.



Caio Victor Brito [[@vikkonder](#)] é formado em Cinema e Audiovisual, mestrando no Programa de Pós Graduação em Arte, ambos pela UFC, Montador e Designer de Experiências Imersivas em VR junto ao Coletivo Intervalos e Ritmos (#ir!).

O roteiro da série é bastante fiel à história dos dois primeiros livros das HQs de gênero **Young Adult** (YA), responsáveis por conquistar essa grande aclamação do público pela sua imensa diversidade racial e de gênero. Há personagens que representam toda a sigla LGBTQ+, como a Tara e a Darcy (lésbicas), o Charlie (gay), o Nick (bissexual), a Elle (transexual) e o Isaac (assexual aromântico). Alice sempre considerou muito importante que as pessoas pudessem se ver nos seus livros em diferentes tipos de experiências, e assim foi formado um dos enfoques mais importantes e revolucionários de **Heartstopper**: essa grande amizade de um grupo de queers que são o centro de tudo.

Em uma primeira olhada, esses romances adolescentes com amizades intensas podem fazer **Heartstopper** se parecer com uma história boba cuja narrativa é cheia de clichês da adolescência e desse gênero **Coming of Age** em ascensão. De fato, isso poderia ser um problema se esse tipo de narrativa não tivesse sido negada por décadas de imposição de massivas tragédias gregas à toda comunidade LGBTQ+.

Se formos analisar a maioria das obras LGBTQ+ das últimas décadas (reiterando aqui “a maioria”, já que atualmente há uma profusão de outras obras inspiradoras a exemplo de **Heartstopper**, como **Love, Victor**) dificilmente encontraremos romances queers sem que a eles estejam atreladas cargas dramáticas homéricas envolvendo: melancolia profunda, exclusão social, comportamentos autodestrutivos em abuso de drogas e álcool. Espancamentos gráficos servem como o retrato de uma violência crescente culminante na morte e/ou na separação do casal, de forma que a possibilidade de um final feliz pareça um ultraje infame (essa foi para você, **Brokeback fu\*\* Mountain**).

Em resumo, encontramos cenários de completa desestruturação, tanto familiar como social e, principalmente, mental, com a internalização de toda a violência da homofobia em atitudes de ódio a si. Se formos olhar nas entrelinhas, o que esse tipo de narrativa ensina a um jovem que acabou de se descobrir gay ou bissexual como Nick? Pessoalmente nunca me esqueci de quando, aos 12 anos, assisti escondido ao filme **Orações Para Bobby** e não consegui parar de chorar por toda a madrugada.





Os prantos incessantes se deram por acreditar não haver outra alternativa à minha vida senão a mesma daquele personagem que, por não encontrar amor e suporte algum, pula de uma ponte sobre uma rodovia.

De maneira perversa, essas histórias suspiram em nossos ouvidos que não merecemos o amor em sua forma mais genuína e simples, mas sim o tormento eterno por não sermos dignos de existir nesse mundo dominado pela norma heterossexual. Elas nos ensinam que se ainda nos mantivermos aqui, que seja no sigilo abafado de nosso pranto solitário.

**Heartstopper representa um agudo NÃO a essa solidão há anos nos ensinada pela mídia e pela cultura. Muitos depoimentos foram dados por pessoas queers de gerações anteriores sobre o desejo de ter assistido a esse tipo de série durante a sua adolescência. Sobre como obras assim as teriam ajudado a lidar com o mundo e com as suas questões de uma maneira completamente diferente.**

Enaltecendo como *Heartstopper*, e outras séries juvenis LGBT+ contemporâneas, têm um papel importante para um amadurecimento mais saudável da atual geração de jovens *queers*. Ensinando que tanto o amor como a amizade são eles possíveis de serem cultivados, e que jovens *queers* podem sim viver as suas adolescências apropriadamente sem a dissimulação das suas identidades.

**Essa preocupação é crucial ao olharmos os dados da Oregon Healthy Teens Survey, nos quais a probabilidade de um jovem LGBT+ cometer suicídio é CINCO vezes maior do que a de um jovem heterossexual. Evidenciando que pessoas queers sentem uma porcentagem maior de solidão do que pessoas heterossexuais.**



Em parte, porque temos mais dificuldades em manter relações sociais a longo prazo, desde amizades e relações românticas, por não conseguirmos nos expressar apropriadamente e lidar com os nossos sentimentos. Somos mais introspectivos por termos aprendido desde cedo a nos esconder para sobreviver, a renegar nossa existência em máscaras, a nos apagar.

Erguendo escudos que nos isolam em nossa própria mente, em nossas próprias angústias, dores... Solidão.

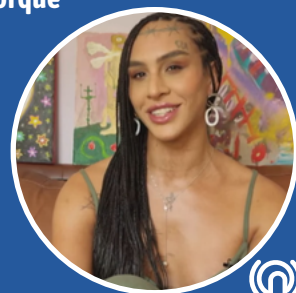
De que formas a Indústria Cultural colabora para esses dados? De que formas somos ensinados (ou desencorajados) a amar e a nos amar?

**Lembrem-se: toda arte é política. Em toda política há relações de poder. Toda obra midiática serve a um propósito da indústria cultural a qual ela é produzida. Todo produto cultural existe para nos passar uma mensagem, ainda, e principalmente, que seus códigos sejam velados.**



Linn da Quebrada, multiartista travesti, em sua passagem pelo BBB 22 nos chamou atenção para a importância de discutirmos sobre QUEM protagoniza as representações do Amor na nossa sociedade e nos produtos culturais hegemônicos.

“Se a gente não discute o amor, ele não sai desse terreno do ‘intocável’, do sagrado, e nós não percebemos porque alguns corpos são mais amados que outros. Corpos gordos, negros, trans, de pessoas com deficiência... A gente nem pensa nessas pessoas quando pensamos em amor”.



Então, *Heartstopper* pode sim ser uma história repleta de clichês adolescentes, mas há muito além disso que faz dela uma série revolucionária: o fato dela ser toda protagonizada por personagens **queers** cujos arcos dramáticos não são sobre a violência imposta às suas existências, mas sim sobre os seus dramas pessoais de amadurecimento, sobre as descobertas do primeiro amor, sobre como a sexualidade deve ser apenas um detalhe que não deve nos limitar e nem nos amaldiçoar.

**E o mais notável: não estamos sozinhos. Somos sim capazes de construir amizades saudáveis e fortes, de fazer parte de uma rede de apoio que nos ajude a lidar com a vida... juntos!**

Série: *Heartstopper*, (Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, 2022)  
 Direção: Euros Lyn.  
 Roteiro adaptado da *graphic novel* "Heartstopper", escrita por Alice Oseman.  
 Elenco: Kit Connor (Nick), Joe Locke (Charlie) Yasmin Finney (Elle Argent), Sebastian Croft (Ben), William Gao (Tao), Corinna Brown (Tara), Fisayo Akinade (Mr. Ajayi), Rhea Noewood (Imogen), Jenny Walsler (Tori) e Olivia Colman (Sarah Nelson).  
 Duração: 8 episódios de 30 minutos cada.  
 Onde assistir: Netflix  
 Gênero: Comédia Romântica/ Drama Adolescente



FOTO: DIVULGAÇÃO

PARA SABER MAIS:





# HERÓIS LGBTQIA+ NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Por Nonato Ribeiro\*



Sempre fui fã de histórias em quadrinhos. Inclusive meu gosto por livros e leitura teve origem nas revistas da Turma da Mônica que meu pai trazia para mim das bancas do Centro de Fortaleza. Logo depois vieram os primeiros números do xerife cowboy Tex e por fim do super-herói Fantasma.

A mitologia de super heróis sempre cativou meu interesse: sua origem, seus poderes, seus coadjuvantes, seus vilões etc. E havia algo sempre muito presente neles: heteronormatividade. Diversidade era praticamente inexistente. Somente o homem branco e hetero encontrava representatividade no universo dos super heróis.

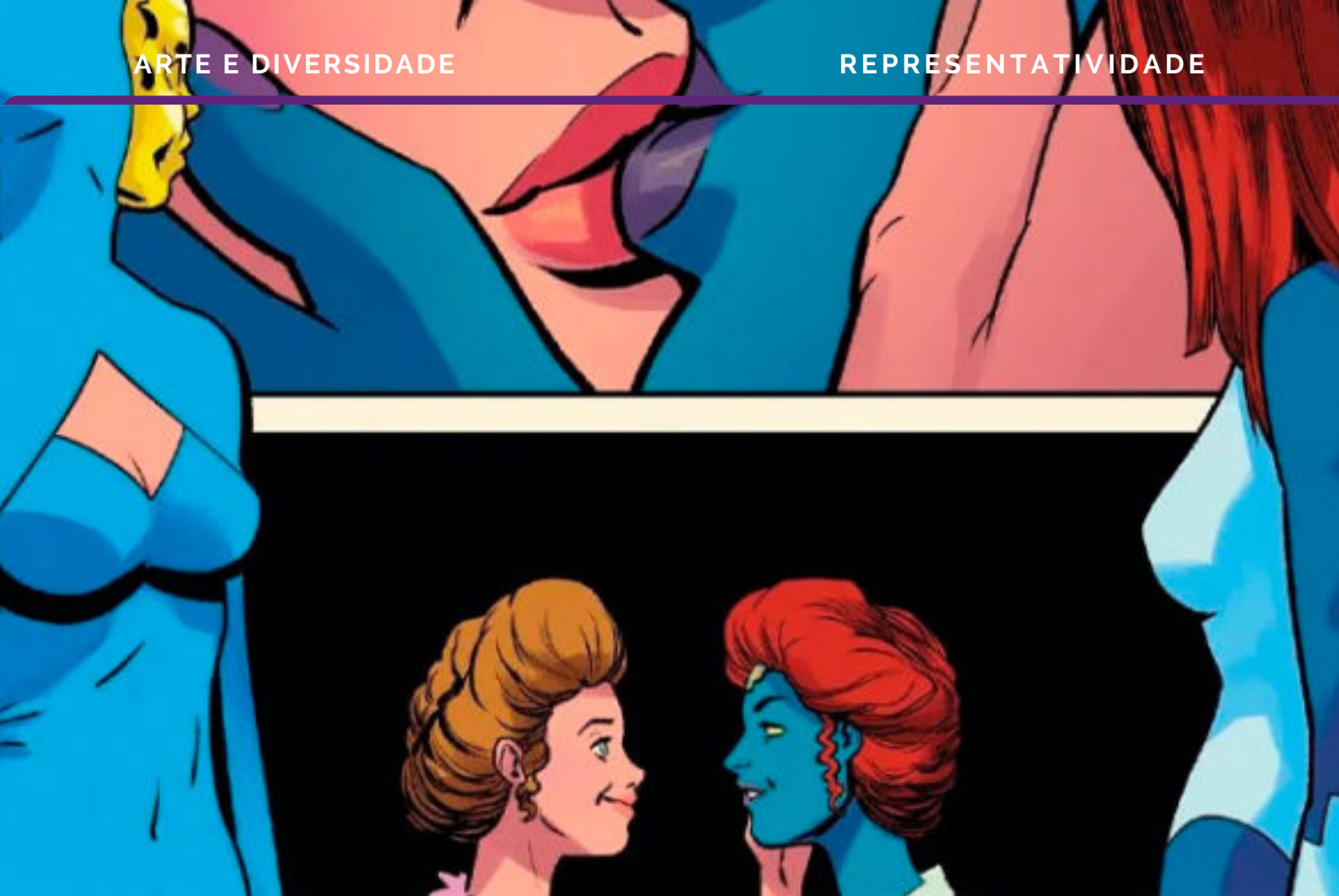
Avançando nas leituras, conheci os X-Men, um grupo de super heróis que eram temidos e odiados pela humanidade por causa dos seus poderes. Eram mutantes, ou homo superior, uma condição genética da evolução humana que lhe conferiam poderes diversos. Lutavam contra líderes religiosos e políticos conservadores que disseminavam discursos de ódio, preconceito e fake news, querendo torná-los párias da sociedade e até mesmo exterminá-los. Lembram algum grupo social específico da realidade?

\*Nonato Ribeiro [@nonatobiblio] Bibliotecário, leitor, nordestino e gay! Doutor em Ciência da Informação com interesse nas temáticas Informação e Diversidade sexual, Competência em Informação e Bibliotecas Universitárias.



TAP  
TAP  
TAP

SORRY  
INTERRU  
BOYS



Em sua segunda formação, na década de 80, o grupo apostou na diversidade. Inseriram heróis de várias nacionalidades do mundo, como Tempestade, uma negra, africana e com poderes de controle do clima. Nessa época, a Marvel desenvolveu o relacionamento das vilãs mutantes Mística e Sina, que criaram Vampira, uma das novas heroínas da equipe. Elas eram um casal lésbico, mas apresentado de forma muito implícita, sem claramente expressarem a condição do casal, que só foi revelada oficial e publicamente pela editora em 2020.

Por fim, em uma equipe de mutantes canadenses, a Tropa Alfa, temos o Estrela Polar, herói que existia desde 1979, mas somente assumiu-se homossexual em 1992, quando em uma história adotou uma criança com HIV.

Por anos, eu ficava procurando histórias dos X-Men com participação do Estrela Polar. Mas a verdade é que os roteiristas, em sua maioria homens heterossexuais, não souberam como desenvolver o personagem nos anos posteriores. Só em 2012, tivemos o casamento do Estrela Polar com seu companheiro de anos, Kyle, em uma bela história dentro dos quadrinhos dos X-Men.





Só me senti realmente representado em uma história dos X-Men com o personagem Anole, já no começo dos anos 2000. Anole era um estudante do Instituto Xavier e personagem regular da revista dos Novos X-Men: Academia X, a revista focada nos jovens mutantes. Anole tinha poderes com origem nos répteis, como lagartos e camaleões, como língua elástica, camuflagem e regeneração dos membros. E isso afetava também sua aparência. Mas ver aquele personagem empoderado, assumidamente homossexual, perante a sociedade e perante si mesmo, era fonte de representatividade para mim, ainda em processo de reconhecimento e identificação.

Dessa época para hoje, o mundo tem avançado muito nessas questões. As empresas não querem ficar de fora e quando o assunto é diversidade, a Marvel sai muito na frente. A equipe de Jovens Vingadores reúne heróis para todas as letras da sigla LGBTQIA+. Foi nessa equipe que aconteceu o polêmico beijo gay em uma revista em quadrinhos na Bienal de São Paulo em 2019, entre os personagens Wiccano e Hulkling (Imagem do início da matéria).

A editora também vem desconstruindo alguns personagens clássicos, como o Homem de Gelo, membro da formação original dos X-Men, que assumiu-se gay em 2014. O Loki, geralmente representado como homem, tem aparecido em diversas outras versões, inclusive sendo retratado como um personagem pansexual. Em 2018 a editora criou Shade, codinome de Darnell Wade, um mutante e drag queen, como poderes de teletransporte. E anualmente, no mês do Orgulho LGBTQIA+, a editora tem publicado o one-shot Marvel Voices: Pride.





Para não ficarmos somente no rol de personagens da Marvel, na DC Comics a diversidade está presente há tempo nas histórias da Mulher Maravilha e as amazonas, com forte presença de lésbicas. Mais recentemente foi criada a personagem Bia, uma mulher trans, negra e amazona. No ano passado, uma história que apresentava Jon Kent, filho do Super Homem, como bissexual, ganhou as manchetes dos jornais. Por que, como Jon assumirá o manto do pai algum dia, em algum momento teremos um Super Homem LGBTQIA+.

Agora, a diversidade tem extrapolado as páginas dos quadrinhos, e alcançado um público maior nas séries e filmes de super heróis, com grandes bilheterias e alcance na cultura pop. Apesar de tardia, cada vez mais pessoas LGBTQIA+ se sentem representadas.

## E sim, REPRESENTATIVIDADE IMPORTA!

**PARA SABER MAIS:**

<https://universoxmen.com.br/2020/06/representatividade-importa-conheca-10-mutantes-lgbtq-da-marvel/>







\*Antonio Wellington de Oliveira Junior  
 [@tutunhooficial] Professor Associado III do Instituto de Cultura e Arte-ICA-UFC onde leciona nos cursos de Publicidade e Propaganda e no Programa de Pós-Graduação em Artes PPGARTES-UFC. É Bacharel em Comunicação Social-Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará - UFC (1992), Mestre (1997) e Doutor (2001) em Comunicação e Semiótica pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica-COS da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Realizou estágio Pós-Doutoral em Artes no Departamento de Comunicação e Artes - DeCA da Universidade de Aveiro - UA. É pesquisador ligado ao Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura - ID+ (Portugal) e líder do Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte - LICCA, registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq. Artista visual e performer. Tem experiência nas áreas de Comunicação e de Artes, com ênfase em performance, artes visuais, teorias, técnicas, processos e métodos de criação artística; teorias da comunicação, semiótica, glossolalia e religião; cultura tradicional popular, patrimônio cultural imaterial.



\*\*Eliezer Nogueira do Nascimento Júnior [@elieezr] Doutor em Design pelo Programa de Pós-graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ESDI/UERJ (2016-2020), com bolsa DSC - Doutorado, FAPERJ. Mestre em Design pela Universidade de Aveiro, UA, Portugal (2013). Atualmente, realiza estágio Pós-Doutoral em Artes no Departamento de Comunicação e Artes - DeCA, da Universidade de Aveiro. É bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Ceará, UFC (2010). Integra o Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte - LICCA/UFC, registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Tem experiência nas áreas de Design, Artes e Comunicação, com ênfase nas relações entre design gráfico e o artesanato, expografia e curadoria, performance e educação.



## SEMPRE FOMOS MODERNOS!

Por

Antonio Wellington de Oliveira Junior\*  
 Eliezer Nogueira do Nascimento Júnior\*\*

O “*Apocalips*”<sup>1</sup>, como gravou **Walderedo** na matriz de umburana, é próspero! A peste, a fome, a guerra e a morte, seus quatro cavaleiros, cavalgam pelo mundo montados em tanques, jatos ultrahipersupersônicos, navios, mísseis, drones e aerossóis; sete milhões de anjos-influencers com seus sete milhões de biscoitos-trombetas-likes profetizam o fim-do-mundo, sem messias; só os falsos e suas fake news. — Urgência! Esgoela-se o planeta: as águas, o ar, as florestas, os bichos e as gentes. A catástrofe, a devastação, a ruína; a miséria em escala global; a migração compulsória, os campos de refugiados; o genocídio, o extermínio, as milícias, o nazifascismo; o ódio, o preconceito, a exclusão, a violência contra mulheres, pessoas LGBTQIA+, negros, indígenas, estrangeiros, portadores de deficiência, minorias as mais diversas; o fundamentalismo religioso e político; o terrorismo... A que outro lugar, senão ao presente distópico, poderia ter-nos conduzido o projeto eurocêntrico, colonizador, imperialista, patriarcal, machista, branco, antropocêntrico e especista da modernidade e sua racionalidade tecno-instrumental, seu pensamento maquínico, sua sanha territorialista/nacionalista? A “proliferação dos híbridos” no mundo contemporâneo, apontada por Latour<sup>2</sup> como sintoma do fracasso do projeto modernizador de cisão absoluta entre natureza e cultura e de que, talvez, jamais tenhamos sido modernos atesta, contrariamente, sua única forma de realização possível; sua derrocada é, por assim dizer, seu triunfo. **Sempre fomos modernos, Latour!**

“Pra começar, quem vai colar os tais caquinhos do velho mundo? Sei lá”<sup>3</sup>... A cantora pop pergunta e duvida que haja quem... Talvez, ao sujeito contra-heróico, anti-genial e nunca santo, ao qualquer<sup>4</sup>, caiba a bricolagem do tempo, de reedição<sup>5</sup>, trabalho de sísifo, aparentemente; mas, antes e sempre, um ato de fé, de resistência, de luta, de imaginação, de reafirmação da vida e de busca pela justiça e pela liberdade: seguimos modernos!

“**Só a antropofagia nos une!**”<sup>6</sup>: é a lição secular da geração modernista de 1922. Urge cumprir nossa vocação ancestral caeté-tupinambá: comer o outro - nesse caso, o Bispo, o colonizador -, tornar-se ele, mais que ele, mais que o leão - nesse caso, o Sardinha<sup>7</sup> - que é feito de carneiros assimilados<sup>8</sup>: **“Tupy, or not Tupy that is the question”**<sup>9</sup>. E quem come o moderno vira o quê: ultra-contra-anti-meta-pós-moderno, contemporâneo? Muito além disso: moderno, mais ainda. Não se tratará de fabular o futuro, arquitetar de novo uma utopia (anteprojeto de distopia!), mas de operar já, no presente, o desejado. “Ai que preguiça!”<sup>10</sup>

“**A alegria [molecagem<sup>11</sup>] é a prova dos nove**”<sup>12</sup>. O humor será o Pão - o amassado no Java<sup>13</sup> -, porque **“o humor não é resignado, mas rebelde”**, é “libertador”, “grande” e “elevado”; uma afirmação contra a crueldade<sup>14</sup>. Uma vaia aguda e estendida - haveria algo mais moderno? - será o berro gasguito de convocação e nosso canto de trabalho.







## MAUC, ALDEMIR, BANDEIRA, UM CEARÁ MODERNO EM PALAVRAS E IMAGENS!

A Universidade Federal do Ceará-UFC e o MAUC são dois agentes basilares de um Ceará moderno, inegavelmente. Encerrando as atividades dos 60 anos de fundação do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará-MAUC, “**Sempre fomos modernos**” propõe um olhar crítico sobre a modernidade cotejando palavra (*logos*) e imagem (*ícone*), dois dos mais importantes dispositivos modernizadores da civilização ocidental.

*Apocalips* (sic), antropofagia, liberdade, máquina, nacional, palavra, sujeito, utopia, vaia, vida são motes que se desdobram em outros exponencialmente: fim-do-mundo, urgência, tropical, identidade, festa, luta., distopia, desenho, série, etc... um glossário pilhado e inacabado da modernidade. As obras/imagens são exclusivamente do acervo do MAUC, expostas sob uma ótica curatorial que, sem romper absolutamente com a memória expográfica do museu, mas, contrariamente, em diálogo com ela, permite, ao visitante, tecer outros e próprios percursos. Pela espessura semântica, mais que *word cloud*; pelo vazio da elipse, menos que um *atlas mnemosyne*<sup>15</sup>, “**Sempre fomos modernos!**” estabelece um jogo com regras elásticas de remissões entre palavras e imagens, às vezes, de simples ancoragem ou ligação<sup>16</sup>, noutras, estranhas e intempestivas. O visitante é o editor.

**[Cem anos de Antonio Bandeira;  
cem anos de Aldemir Martins: o  
negro e o descendente de indígena  
que pintaram o Ceará moderno.**

Antropófagos “de vera”, poucos nos traduziram tão afinados com o seu tempo, com o presente, sem enjeitar a memória, a tradição popular, **nossa ancestralidade iberoafrotupiguaranisertaneja**. Amazonas, a selva, a cidade azul (Fortaleza?) em festa, a “Cidade queimada de sol”, o sol, as fagulhas da fundição do pai; gatos, muitos gatos, coruja e galo, graviola, sapoti, cajus, cangaceiros, rendeiras, as rendas, o alto contraste da xilo, o jogador de futebol... “referências” é pouco! Foram os espinhos de mandacaru com que espetaram a almofada do tempo e teceram seus e novos rendilhados, num gesto de resistência e liberdade; contra toda necropolítica<sup>17</sup>, uma afirmação de vida.

Na peleja de acarear incansavelmente o próprio tempo - pra sempre modernos? -, eles, Aldemir e Bandeira, vão andando à frente e, numa espécie de paródia do anjo Benjaminiano<sup>18</sup>, espiando para trás, pra cá onde nos deixaram, atraem, como ao sol na Praça do Ferreira<sup>19</sup>, “le cri primal”<sup>20</sup> daqui, um grande e rascante coió: iiiieeeeeêiiii!!!!]



- [1] WALDEREDO. **Apocalips**. Álbum de xilogravura, ANO, Acervo MAUC.
- [2] LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- [3] CÍCERO, Antonio. Ver referência disco Marina Lima.
- [4] AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**.
- [5] BENJAMIN, Walter. **A obra de arte...**
- [6] ANDRADE, Oswald. Manifesto Antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- [7] Segundo as fontes que referenciaram o Manifesto Antropófago de Oswald Andrade, em 1556, Dom Pero Fernandes Sardinha, o primeiro bispo do Brasil, naufragou em Alagoas, à época, capitania de Pernambuco, e foi devorado por Caetés. Ver: VASCONCELLOS, Simão de. **Chronica da Companhia de Jesus de Estado do Brasil (...)**. Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliveira impressor del Rey N.S., 1663, Livro I, n.º 46, p. 32. Contudo, o historiador Moacyr Alves Pereira atribui aos Tupinambás o banquete antropofágico do bispo e mais 97 naufragos. Ver: PEREIRA, Moacyr Soares. **A navegação de 1501 ao Brasil e Américo Vespúcio**. Rio de Janeiro: ASA, 1984.
- [8] VALÉRY, Paul. **Tel Quel I**. Paris: Gallimard, 1941.
- [9] ANDRADE, Oswald. **Manifesto Antropófago**. In: TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- [10] ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**.
- [11] LEÃO, Andréa Borges, SECUNDO, Francisco. **4 Ceará, Lado Moleque: as Letras e a sociogênese do Humor**. **ARQUIVOS DO CMD: Dossiê Literatura e Memória Arquivos**, Vol. 3 N.2. Ago/Dez 2015.
- [12] ANDRADE, Oswald. **Manifesto Antropófago**. In: TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- [13] **Café Java, ponto de encontro dos “padeiros” da Padaria Espiritual, movimento literário cearense que, em 2022, completa 130 anos**.
- [14] FREUD, Sigmund. **O humor**. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**.
- [15] SAMAIN, Etienne. **As “Mnemosyne(s)” de Aby Warburg: Entre Antropologia, Imagens e Arte**. *Revista Poiésis*, n 17, p. 29-51, Jul. de 2011.
- [16] BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**.
- [17] MBENBE, Achile. **Necropolítica**.
- [18] BENJAMIN, Walter. **ver referência**.
- [19] CARVALHO, Gilmar de. **O dia em que vaiaram o Sol na praça do Ferreira**.
- [20] JANOV, Arthur. **Le Cri primal**.

**CURADORIA**

Antonio Wellington de Oliveira Junior  
Eliezer Nogueira do Nascimento Junior

**EXPOGRAFIA E MONTAGEM**

Eliezer Nogueira do Nascimento Junior  
Graciele Karine Siqueira

**PROGRAMAÇÃO VISUAL / DESIGN**

Eliezer Nogueira do Nascimento Junior

**REGISTRO AUDIOVISUAL/ FOTOGRÁFICO**

Romulo Santos Sampaio

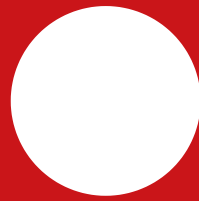
**CONSERVAÇÃO**

Roberto Moreira Chaves  
Auricelia França de Sousa Reis  
Larisse Macedo de Almeida  
Saulo Moreno Rocha



# Biblioteca

# Em Cena







## BIBLIOTERAPIA:

uma experiência de leitura com valor terapêutico



Por Francisco das Chagas\*

Nesses dois últimos anos vivemos um período caracterizado pela pandemia do Coronavírus. O medo provocado pela Covid-19 trouxe repercussões diversas como o medo de morrer, medo de que alguém morra, medo de adoecer e medo de contaminar alguém. Durante esse tempo vivemos isolados, longe do convívio familiar e social, utilizando máscaras, álcool e fugindo de aglomerações. Nessa realidade, tivemos que conciliar o trabalho remoto com a família e os afazeres domésticos, as aulas presenciais com as aulas online. As reuniões de família foram ressignificadas como aniversários, casamentos, batizados, viagens etc. O luto provocado pelas inúmeras perdas deixou um vazio e um sentimento de impotência diante da perspectiva de morte; muitos não tiveram a oportunidade de enterrar seus familiares.

**A experiência do isolamento fez do livro um grande amigo durante esse tempo de crise. Várias pessoas redescobriram o prazer de ler. O consumo de livros pela internet aumentou consideravelmente. A experiência da leitura trouxe alívio para quem ficou em casa. O livro, companheiro de todas as horas, possui um valor afetivo. Esse vínculo com os livros é tão forte que algumas famílias só desapegam do acervo para as bibliotecas quando morre o dono da coleção.**

As bibliotecas foram fechadas durante o *lockdown*. Elas funcionam como espaços de incentivo e difusão da leitura e atuam como centros de documentação e informação, com fomento à pesquisa; também desenvolvem atividades culturais, fazendo conexão com outras artes: contação de histórias, fantoches, música, teatro, cinema etc.



\*Francisco das Chagas [[@franciscodaschagasqueiroz](#)] Mestre em Climatologia, Especialista em Pesquisa Científica, Bacharel em Administração, Biblioteconomia e estudante de Teologia.



O bibliotecário, bacharel em Biblioteconomia, é o profissional habilitado por lei para exercício da profissão. Ele é um agente de transformação social a partir dos espaços de leitura e atua como agente de mediação da informação; é o profissional que desvenda os mistérios apresentados pelos usuários, diariamente, nas bibliotecas. É responsável pela direção e administração das bibliotecas; possui habilidades com as ferramentas digitais e faz uso das redes sociais para se comunicar com os usuários da biblioteca. É uma pessoa com uma formação humana (oriunda da escola francesa), combinada com uma formação técnica (oriunda da escola americana).

Os bibliotecários podem atuar em diversas áreas, dentre elas a saúde, desenvolvendo suas habilidades para o avanço do tratamento do paciente. As instituições de saúde podem ter uma biblioteca ou espaço de compartilhamento de leitura. E o que acontece quando o bibliotecário, de posse dos livros, vai ao encontro dos pacientes? Acontece um fenômeno chamado Biblioterapia.

**A palavra Biblioterapia foi originada de dois termos gregos *biblion* - livro, e *therapeia* - tratamento; portanto, Biblioterapia é o tratamento terapêutico através da leitura.**

Segundo o filósofo Aristóteles, os espetáculos de tragédia e comédia na Grécia Antiga produziam um efeito no espectador que purificava as emoções: ora alegria, ora piedade. A palavra *catarsis* significa a “limpeza da alma”, isto é, a “catarse é a purificação das almas através da descarga emocional provocada por um drama”.

### **A Biblioterapia nasce da relação da leitura, leitor e terapeuta.**

O diálogo produzido por esta relação pode contribuir para a saída de um estado de desânimo para um estado de ânimo, pela ação do efeito catártico. Ela atua como coadjuvante, associada a outras especialidades médicas no tratamento do paciente. Aborda o valor terapêutico da leitura de textos e imagens produzidas pela análise projetiva de desenhos.

O bibliotecário integrado a uma equipe de saúde pode atuar na mediação da leitura de textos verbais e não verbais, com o objetivo de deslocar a tensão da dor para o mundo da literatura. A leitura transporta o paciente para as narrativas dos personagens que também passam por enfrentamentos e superação de problemas. O paciente que passa por um processo terapêutico de catarse desloca sua atenção da dor para a arte literária.





Para exercer a Biblioterapia a formação do bibliotecário exige conhecimento introdutório nas técnicas, métodos e abordagens da Psicologia. O aluno pode cursar Psicologia Social I e II como disciplinas optativas, mediante solicitação no departamento do curso de Psicologia da UFC; também é recomendado se submeter a psicoterapia, para que o profissional saiba lidar com as emoções e sentimentos dos pacientes.

Na prática da Biblioterapia deve-se avaliar a disposição do paciente para dar sentido ao sofrimento, observa-se o humor, bem como a espontaneidade da fala do leitor, numa perspectiva de aceitação e enfrentamento do momento da crise. Essa disposição, disparada pelo texto, deve contextualizar suas emoções numa perspectiva de avançar no tratamento. O paciente nem sempre está disponível para a leitura, nem para conversar, por isso é preciso respeitar o silêncio e a espontaneidade dele. O progresso exige paciência, pode parecer lento em alguns momentos, com subidas e descidas; à medida que os encontros vão acontecendo, o vínculo da leitura vai se fortalecendo, as páginas vão passando mais rápidas, até o momento em que o leitor pede outro livro.

A história da Biblioterapia no estado do Ceará passa pelo trabalho missionário da Profa. Virginia Bentes Pinto pertencente ao Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará. Ela atuou em projetos de extensão de Biblioterapia como coadjuvante no tratamento do câncer infantil no Hospital Infantil Albert Sabin, no ano 2000, e apresentou no CBBB o trabalho “Práticas leitoras da Biblioterapia no abrigo SOS - Criança”, em 2001, com publicações de artigos. Sua obra continua ativa na divulgação de matérias sobre o tema em periódicos, bem como na orientação de alunos na produção de monografias.

Uma das vantagens da Biblioterapia é que não há contraindicação, nem depende da idade dos leitores e, mesmo que o leitor não saiba ler, a leitura pode ser ouvida, quando compartilhada por alguém mais próximo, de modo atencioso. Vale ressaltar que a Biblioterapia não é “a leitura de livros de autoajuda”; sua proposta é motivar as possibilidades do cuidado com o paciente por meio da leitura em situação de crise em ambientes institucionalizados, como abrigo para menor ou hospital.

A Biblioterapia é um ramo da Biblioteconomia, porém essa disciplina não é ofertada no curso da UFC desde seu funcionamento, em 1965. Mesmo assim, os alunos e professores não deixam de produzir monografias sobre o tema.

**Quer saber mais sobre o assunto?  
Há um amplo material disponível  
na internet, procure fontes seguras  
e explore sua curiosidade!**



#### REFERÊNCIAS

BENTES PINTO, Virginia. A Biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. Revista Transinformação, Campinas, v.17, n.1, jan./abr., 2005. p.31- 43. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/TGh75RBZcCN8nTWf8FBjkkL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 11.06.2022.



BENTES PINTO, Virginia et al. Práticas Leitoras da Biblioterapia: a vivência na "Casa da Criança". In: CBBB-Aceito para apresentação, 2002, Fortaleza. Anais do CBBB, 2002

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: Biblioterapia. Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n.12, dez. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32/5200> . Acesso em 11 jul. 2022.



CALDIM, Clarice Fortkamp. Biblioterapia: um cuidado do ser. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.

OUAKNIN, Marc-Alain; CAMPANÁRIO, Nicolás Niyimi. Biblioterapia. Tradução de Nicolás Niyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.



# Livros livres

2016 ♥ 2022

6 anos

*Compartilhando saberes*

Por Francisco Moura\*



Durante o planejamento de ações da Biblioteca em 2016, a então diretora, Islânia Castro, presenteou os colaboradores com o livro *Ideias para bibliotecas livres: um manual prático de autogestão independente*, de Daniele Carneiro e Juliano Rocha e apresentou o desejo de montar uma biblioteca livre na Biblioteca. A equipe aceitou o desafio e abraçou a ideia desde o início.

 \*Francisco Moura [[@chicomouraf](#)] Coordenador do Arte na Biblioteca, [arte-educador](#) e [estudante de cinema](#).

No mesmo dia, a diretora levou a proposta ao Diretor do Sistema na época, Jonatan Soares, que acolheu a ideia e imediatamente entrou em contato com a Coordenadoria de Comunicação Social e Marketing Institucional da Universidade para desenvolverem a identidade visual do projeto e elaborarem peças de divulgação do mesmo. Com o projeto gráfico pronto realizamos uma campanha de arrecadação de livros através das redes sociais, sites institucionais, jornais locais e rádios. Em 1 mês de campanha foram arrecadados cerca de 300 livros para darmos início ao projeto, também como forma de divulgar o projeto foram “esquecidos” alguns livros pelo Campus do Pici da Universidade com um mini texto explicando a ideia do projeto e sensibilizando para a doação. Em 30 de maio de 2016 lançamos o projeto no hall de entrada da Biblioteca com a realização de contação de história, por Chicão Oliveira, e declamação de poesias por Cícero Teixeira, ambos cedidos pela Biblioteca Municipal Dolor Barreira.

O projeto Livros Livres consiste na disponibilização de espaços para compartilhamento de livros, sem a necessidade de cadastro, empréstimo, data de devolução ou multas. O objetivo é incentivar o gosto pela leitura e facilitar o acesso ao livro. Na Biblioteca Central do Campus do Pici temos uma estante localizada no hall de entrada onde disponibilizamos 14 títulos e que são repostos conforme a saída dos mesmos. Entre os beneficiados com a iniciativa estão a comunidade interna da UFC (estudantes, servidores, terceirizados e professores) e a comunidade externa (pessoas que utilizam a biblioteca para estudo e pesquisa e moradores do entorno).

A Biblioteca Central do Campus do Pici com o intuito de ampliar o conhecimento do projeto, além de incentivar a doação de livros para manter o projeto na ativa, realizou na última semana de maio dos anos de 2019 e 2022 o aniversário do Livros Livres, este evento a partir de 2022 passa a ser um evento oficial anual da biblioteca. Durante os aniversários realizamos uma série de atividades artísticas-culturais como lançamentos de livros, rodas de conversa, apresentações musicais, saraus de poesia, sorteios de brindes, apresentações teatrais, oficinas literárias, entre outras.





O projeto ao longo dos anos foi expandindo e chegou às demais bibliotecas do sistema, bem como outros setores da universidade e da comunidade externa. Em novembro de 2016 a Biblioteca do Campus de Russas (BCR) aderiu ao projeto, em 2017 a Biblioteca de Ciências da Saúde (BCS), a Central de Atendimento ao Servidor, o Observatório de Políticas Públicas, a Academia Cearense de Segurança Pública do Estado, a Biblioteca do Campus de Quixadá (BCQ), a Biblioteca de Ciências Humanas (BCH) e Centro de Tecnologia através do projeto Literatura, Engenharia e Reflexões se juntaram a ação e passamos a ter 9 pontos. Já em 2019 foi a vez da Biblioteca do Museu de Arte da UFC (BMAUC), Instituto de Cultura e Arte (ICA) e o Memorial da UFC que instalou uma geladeira nos jardins da reitoria. A Biblioteca do Labomar (BICM) e a Pastoral do Menor da Granja Portugal abraçaram a ideia em 2020.

Com a pandemia do coronavírus todos os pontos tiveram que paralisar suas atividades. A retomada do projeto na Biblioteca Central do Campus do Pici ocorreu em setembro de 2021, além deste outros 4 pontos paulatinamente voltaram a disponibilizar livros, a saber: Pastoral do Menor Granja Portugal, Academia Cearense de Segurança Pública do Estado, Biblioteca do Museu de Arte e a Biblioteca da Matemática que aderiu ao projeto em abril de 2022.



Durante este período de paralisação, a Biblioteca Central do Campus do Pici desenvolveu outras atividades com o intuito de continuar fomentando o livro e a leitura, como: a Sacola Literária e o Clube de Leitura Livros Livres. A Sacola Literária teve início em agosto de 2020, sendo uma atividade realizada para as crianças e adolescentes, bem como suas famílias, que participam da Pastoral do Menor da Granja Portugal e consiste na elaboração de um cardápio de livros de temáticas e gêneros variados que podem ser escolhidos pelas famílias que frequentam a pastoral, após a escolha os livros são separados e deixados na casa de quem solicitou.



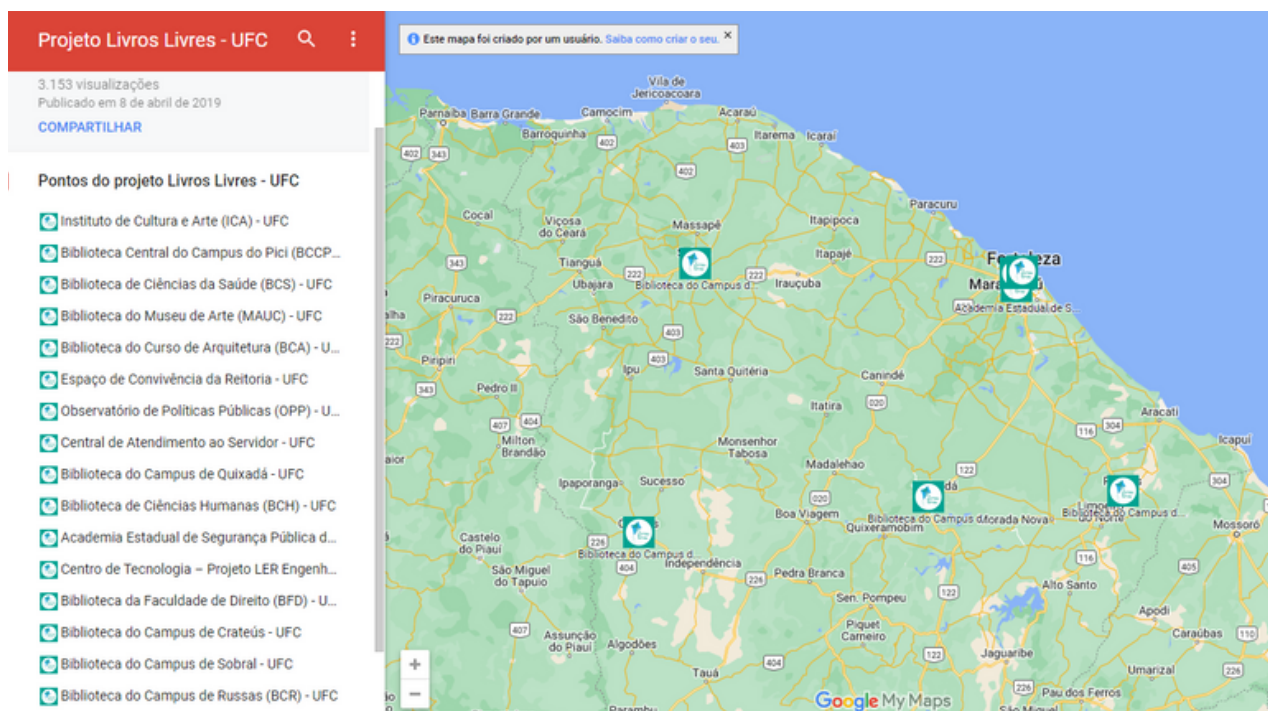


O Clube de Leitura Livros Livres teve início em 28 de abril de 2021, durante este ano foram realizados nove encontros virtuais temáticos, com os seguintes temas: livro e leitura, famílias, leituras LGBTQIA+, saraus e slams, leituras indígenas, leituras femininas, leituras fantásticas, matemática nas teias da literatura e leituras negras; e contamos com a participação de 102 pessoas nos encontros virtuais e 220 pessoas se inscreveram no clube e receberam os cadernos de leitura por e-mail. A metodologia do clube de leitura propõe que os membros indiquem textos sobre a temática a ser abordada, esses textos passarão por um processo de curadoria e os textos selecionados passam a compor o Caderno de Leitura temático.



Em 2022 com a volta das atividades presenciais o clube passou a ter formato híbrido, de modo presencial no auditório da Biblioteca Central do Campus do Pici e virtual através do Google Meet e transmissão pelo Canal do YouTube da Biblioteca. Durante este ano, 2022, abordamos os temas: literatura contemporânea brasileira, leituras femininas, leituras LGBTQIA+ e leituras decoloniais; e ainda iremos tratar de leituras indígenas, 06/10, literatura de terror, 27/10, literatura cearense, 03/11, e literatura africana, 01/12, quem desejar se inscrever basta preencher o formulário e receber por e-mail o caderno de leitura e o link de acesso, caso deseje participar virtualmente.





Durante esses 6 anos de Livros Livres conseguimos expandir bastante o projeto, levando-o a outras bibliotecas, setores da universidade e até rompendo as barreiras da universidade; o número de livros compartilhados somente na Biblioteca Central do Campus do Pici ultrapassa os 9 mil livros distribuídos de forma gratuita e livre, oportunizando o acesso ao livro e a leitura a inúmeras pessoas que frequentam a BCCP e os demais espaços onde podemos encontrar os Livros Livres.

**CLIQUE PARA ACESSAR:**

[Caderno de Leitura temático](#)  
[Canal do YouTube da Biblioteca](#)  
[Formulário do Clube de Leitura](#)

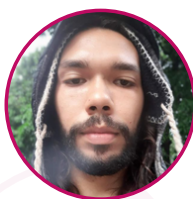






# CENA DO RAP LOCAL EM FOCO

Por Iago Filipi\*



## Fortal no topo

Não é de hoje que se nota o constante aparecimento de novos artistas na nossa amada cidade de Fortaleza, em especial, jovens periféricos que rimam e cantam sua realidade na forma de rap e, dessa forma, transmitem sua arte para os seus próximos.

O movimento do hip hop na região já atravessa gerações e, sendo saudosista, não posso deixar de mencionar grandes talentos da música cearense que vem fazendo sucesso mantendo suas carreiras vivas, como as lendas do Costa a Costa: Nego Gallo e Don L, pioneiros do nosso rap e que são referência para toda a nova geração de artistas. Infelizmente, não iremos entrar na história das nossas raízes nessa matéria, mas sim explorar as novas sonoridades que vêm surgindo nos últimos anos na cidade.

Atualmente, temos muitos nomes da cidade em destaque dentro do cenário rap nacional, como: Má Dame, Emiciomar, Mateusfazenorock, Gutto, Arthurzin, Welisson, West Reis, Wiu, dentre muitos outros que esperamos ansiosamente para adentrar nas suas carreiras musicais em matérias futuras.

Hoje iremos conhecer a carreira de um artista, do bairro Sapiranga, chamado BAKKARI, que trás, em suas letras e em suas músicas, a vivência de um artista periférico que sonha em mudar a realidade de seus próximos, assim como a sua própria.



\*Iago Filipi [[@prodbyiafi](#)] Estudante de cinema e audiovisual e apaixonado por tecnologia, jogos e natureza. Envolvido com o audiovisual e a fotografia, vem trabalhando com produções para artistas e publicidade para marcas nos últimos anos.

**BAKKARI**

Da Sapiranga pro mundo



**BAKKARI** é artista fortalezense que trás nas suas músicas influências do UK Drill, Trap, R&B, Afrobeat e consegue conversar entre todos esse universos musicais de forma única. O cantor é reconhecido por sua habilidade de misturar esses gêneros em suas rimas ácidas e líricas, pensadas cuidadosamente com suas respectivas produções.

**Nascido na Sapiranga, bairro onde a violência se tornou predominante ao longo dos anos, ele é um orgulhoso membro de sua própria "ZAREA" (área) e um mensageiro de seu povo, como costuma relatar em suas letras.**

Em 2019, teve primeiro destaque na cena nacional com o EP "Neon", produzido por WIU (produtor e artista do selo do 30PRAUM), onde trabalhou as influências do Trap e R&B com 5 faixas que falam sobre os amores e amadurecimentos do artista ao longo da sua caminhada independente até a concretização desse primeiro trabalho sólido.

Influenciado pela estética direta e ávida do UK Drill, BAKKARI iniciou o ano de 2020 com a música "PUSKÁS", produzida pelo talentosíssimo Kathead. A faixa põe em ênfase a temática de alguém que tenta sair de uma vida de crimes, mas que está preso neste ciclo violento do cotidiano. As reflexões do artista sobre os dilemas da emancipação foram bem recebidas pela comunidade do rap/hip hop tanto no Brasil quanto na Europa, influenciando de forma positiva os jovens das comunidades pobres e carentes de atenção pública.

Esse feedback do público foi mais que o suficiente para dar-lhe espaço para trabalhar em mais obras, como o single "Imperador", um afrobeat quente produzido por Enigma (SP); e o drill com um clipe cinematográfico chamado "ZAREA", produzido por Frugi (SP).

"ZAREA", por BAKKARI.  
Fotografia: Felipe Mota.







Já em 2021, o mc lançou o single "CHUVA DE DINHEIRO", com produção de Yaiba (CE); e logo em seguida fez uma colaboração com artistas de outros estados brasileiros que carimbou sua marca no gênero Garage Brasileiro, junto com Well (BH), Mirral One (BH) e George Lucas (BH). BAKKARI marcou o refrão do ano no gênero, mas não parou por aí.

O ano de 2021 também foi o ano da sua contribuição na faixa "A Luz" de CL Fez o Beat (RJ) e do lançamento da faixa-homenagem "Posso Mudar (KZ VIVE)" dedicada ao seu melhor amigo, faixa delicadíssima produzida por BAKKARI em colaboração com a equipe da Gain Lab Studios. Antes de finalizar o ano, BAKKARI ainda lançou o single "Mais Caro", com feat do carioca SD9, um dos principais mc's de grime da América Latina.

Logo após, deu início no ciclo de apresentações pelo Nordeste do Brasil, participando de um dos mais importantes eventos para a cena do grime no Brasil, agitando completamente o público baiano durante o evento "EXPORTAÇÃO" (edição Salvador-BA).

**Este ano, o artista já provou que se mantém correndo firme com participações em pistas eletrizantes, como a da festa "BATEU", e também com ações sociais e palestras, realizadas na Biblioteca Estadual do Ceará e também na sua comunidade. Das últimas apresentações de BAKKARI, ele participou da BOOMBOOMBLACK, evento destinado para o público negro, onde contou com a presença de N.I.N.A. estreando seu novo álbum "PELE". Também participou do Festival 1992 com um show que encantou o público e da festa fortalezense BATEU, onde tomou holofotes mostrando suas músicas em instrumentais eletrizantes, provando sua versatilidade e adaptação a novos terrenos musicais. O evento contou com grandes nomes na cena musical cearense, como Mumutante e Mateus Fazeno Rock, abrilhantando ainda mais a noite festiva.**

Atualmente, o cantor e compositor é agenciado pelo selo Cajuína Squad, integrado por artistas e produtores de sua comunidade; e produz suas músicas na Gain Lab Studios, produtora local que cuida de toda a parte técnica do trabalho musical do artista, desde a produção e co-produção de beats até a gravação, mixagem e masterização dos singles e albuns,

BAKKARI já confirmou que o seu álbum "IMPERADOR" estará na pista ainda esse ano, obra que o artista garante que marcará sua influência sólida na cena nacional e trará destaque ao início de um verdadeiro legado na cena local.

**Para saber mais sobre os projetos desenvolvidos pela Biblioteca Central do Campus do Pici e acompanhar a programação, segue o perfil [@bccpufc](#) no Instagram.**





# OS SERVIÇOS DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Por

Raquel da Silva Nascimento\*



Ao dar suporte à nossa comunidade de usuários com serviços relacionados à informação e produção de conhecimentos, a Biblioteca Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC) auxilia no desenvolvimento da instituição assim como da sociedade. E quem são os participantes dessa comunidade de usuários? São os alunos de graduação, de pós-graduação, e das Casas de Cultura, servidores docentes e técnicos-administrativos, pesquisadores e também a comunidade em geral.

\***Raquel Nascimento** - Bibliotecária atualmente lotada na BCCP e mestra em ciência da informação. É facilmente influenciada por boas indicações de livros.



Portanto, assumimos o desafio cotidiano de identificar as necessidades informacionais de nossos usuários e conceber soluções para questões que se apresentam na realidade da atuação da Biblioteca. Desse modo, mantemos a função de oferecer serviços e produtos que colaborem com a trajetória acadêmica e formação da comunidade universitária.

Diante desse público amplo e diversificado, para efetividade e qualidade do atendimento temos em vista que precisamos nos adaptar ao acolher os usuários nos espaços da Biblioteca. Com isso percebeu-se a demanda de um atendimento especializado para as pessoas com deficiência no acesso e uso dos serviços disponibilizados pelo Sistema de Bibliotecas da UFC:

**Para organizar os fluxos de atendimento e prestar a capacitação e serviços especializados, foi criada a Seção de Atendimento a Pessoas com Deficiência (SAPD) na estrutura administrativa da Biblioteca Universitária, tendo como objetivo atender à comunidade acadêmica com deficiência em suas demandas por informação científica, durante seu processo de ensino-aprendizagem, através de ações que efetivam a acessibilidade no Sistema de Bibliotecas da UFC, em parceria com os núcleos de atendimento conforme sua singularidade e demais unidades acadêmicas envolvidas no processo de inclusão. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, [201-], grifo do autor)**

Considerando uma maior organização, atenção e inclusão dos atendimentos a pessoas com deficiência, a SAPD trabalha em conjunto com os chamados Núcleos de Atendimento localizados em bibliotecas setoriais da UFC, e do qual a Biblioteca Central do Campus do Pici (BCCP) participa (para acessar a lista de contatos dos núcleos de atendimento, clique **AQUI**).



Como Núcleo, temos a oportunidade de estar presente de forma mais próxima aos alunos de cursos atendidos pela biblioteca específica. Ao cumprir os requisitos para utilização deste tipo de atendimento, dentre os serviços ofertados, é possível que o usuário solicite a edição e/ou a digitalização de um material assim proporcionando o contato de forma acessível às informações dos documentos.





Esta solicitação acontece através de um formulário, no qual é preenchido a identificação do usuário e do material. O usuário então seleciona a preferência de formatos de saída para tais materiais, a serem transformados em arquivos de PDF acessível ou editado, que possam ser lidos por programas leitores de tela; a serem ampliados ou convertidos em áudio e uma data para expectativa de entrega.

Alguns outros recursos disponíveis no site da Biblioteca compreendem vídeos informativos sobre o funcionamento da Seção de Atendimento a Pessoas com Deficiência, vídeo do “Descobrimo a Biblioteca” (ação que usualmente realizamos com alunos recém ingressos na UFC) em Libras, tutoriais sobre ferramentas de pesquisa e de leitura e ainda catálogos de obras e base de dados acessíveis que podem ser consultados pelos usuários.

Já apresentando o espaço físico da BCCP, o salão de estudos dispõe de um computador com acesso à internet de uso exclusivo para pessoas com deficiência, contendo configurações e softwares ajustados para a acessibilidade dos nossos usuários, como a utilização de leitores de tela.



Ademais, também se localiza na BCCP o “Leitor autônomo”, equipamento que permite, para os deficientes visuais, a leitura a partir de livros ou documentos impressos. Este equipamento possui funcionalidades que permitem a seleção de velocidades de leitura, de diferentes idiomas e de vozes, de acordo com as preferências dos usuários. Desta forma, o “Leitor autônomo” é um bem significativo para o acesso das pessoas com deficiência ao acervo da biblioteca (LEITOR..., 2019).

Certamente, ainda há possibilidades de crescimento no âmbito da biblioteca para aprimoramentos dos nossos serviços e atendimentos, em vista que, a comunidade que atendemos passa por constantes transformações e inovações.

De todo modo, almejamos nos manter atentos e atualizados com as demandas por informação e conhecimento, assim colaborando nos processos para produção científica. Para isto, esperamos que a Biblioteca seja um lugar de suporte, acolhida e inclusão para todos.

#### Conheça a legislação em que se baseia o atendimento acessível no Sistema de Bibliotecas da UFC:

- Lei de Inclusão Brasileira nº 13.146 de 06 de julho de 2015;
- Lei dos Direitos Autorais nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998;
- Tratado de Marraqueche, promulgado por meio do Decreto nº 9.522/2018.

#### REFERÊNCIAS

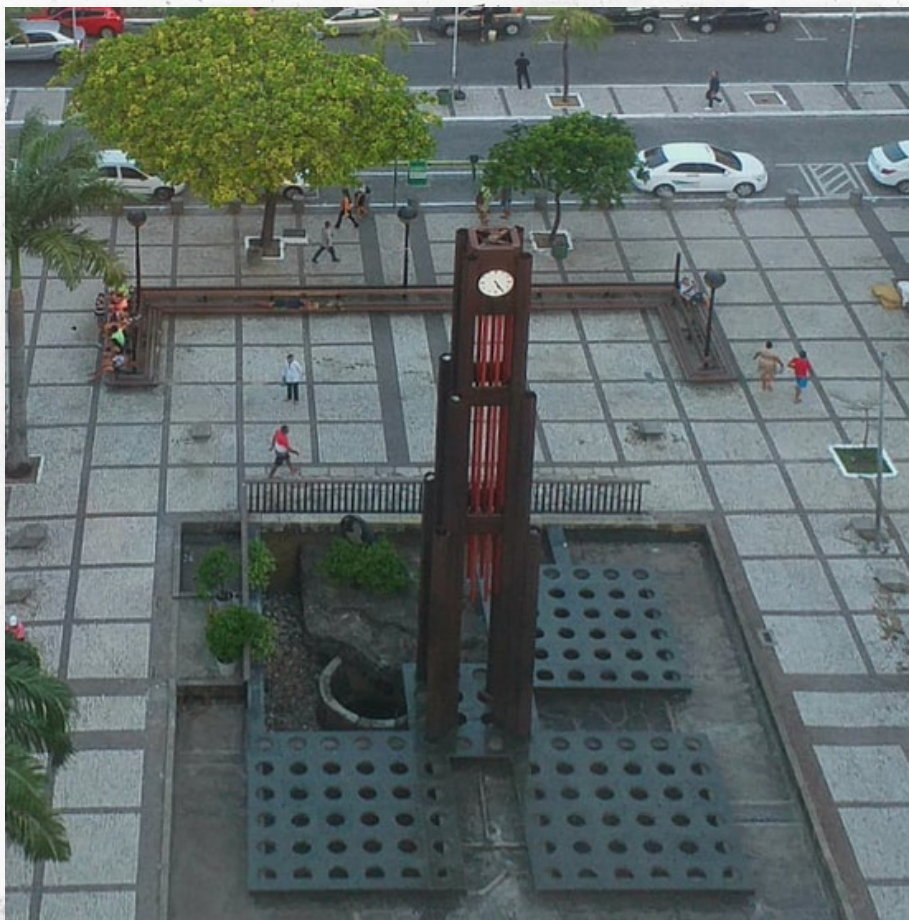
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. Biblioteca Acessível. Fortaleza, [201-]. Disponível em: <https://biblioteca.ufc.br/pt/biblioteca-acessivel/>. Acesso em: 06 jun. 2022.



LEITOR autônomo auxilia pessoas com deficiência visual. [Fortaleza]: UFCTV, 2019. 1 vídeo. (4 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-tcoOdJG1eY>. Acesso em: 06 jun. 2022.







## Praça do Ferreira

Onde o coração da cidade pulsa!

Por Centreiro,  
o flâneur do século XXI\*



\*Centreiro é a atualização do flâneur – personagem surgido no século XIX, presente nas obras de Charles Baudelaire, Walter Benjamin e João do Rio. Assim, aquele flanava pela cidade moderna que surgia, o centreiro é o frequentador assíduo do Centro. Vagueia solitariamente, reflete sobretudo a sua volta. E registra. Seu caderno de notas é o perfil no Instagram (@centreiro - dedicado às histórias e ao cotidiano do Centro de Fortaleza).

Luca Salri, responsável pelo perfil [[@centreiro](#)], é formado em Cinema pela UFC e que nas horas vagas é professor de História.



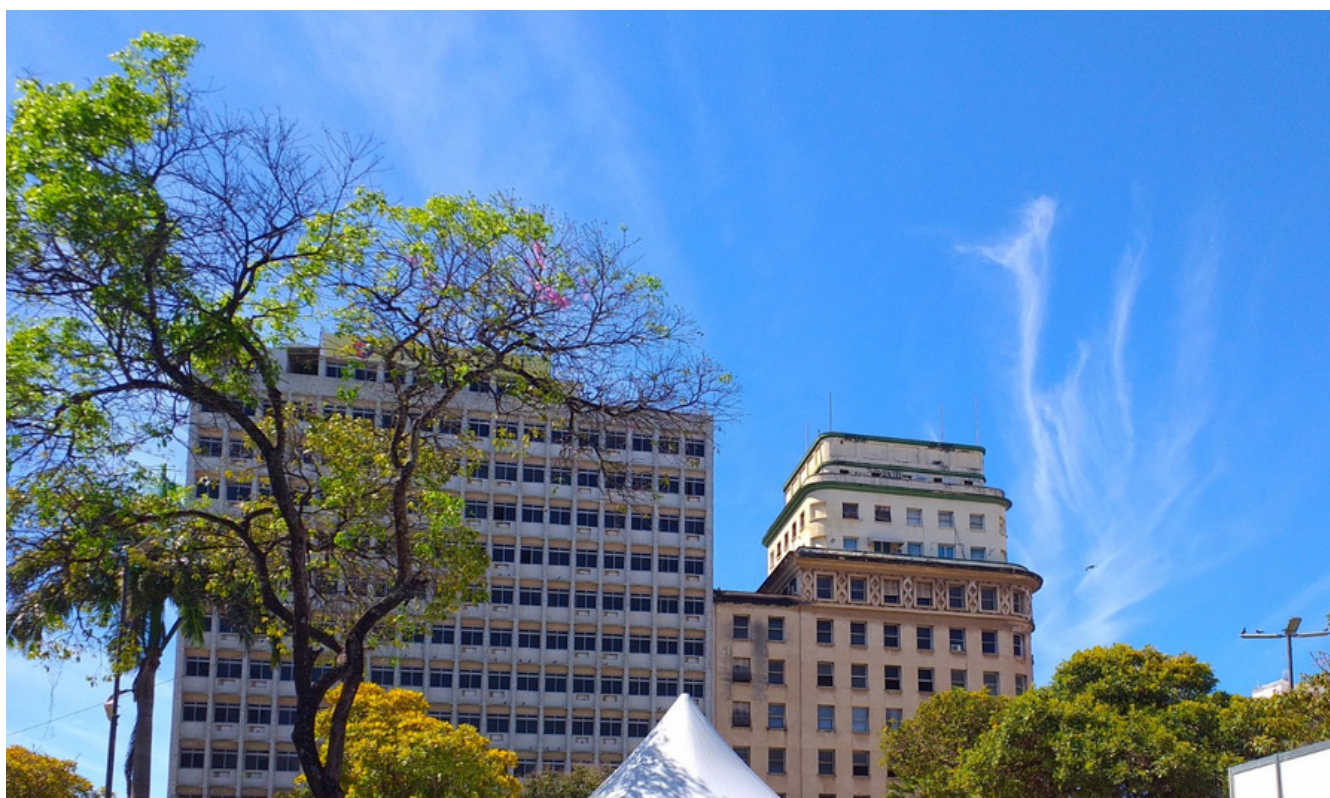
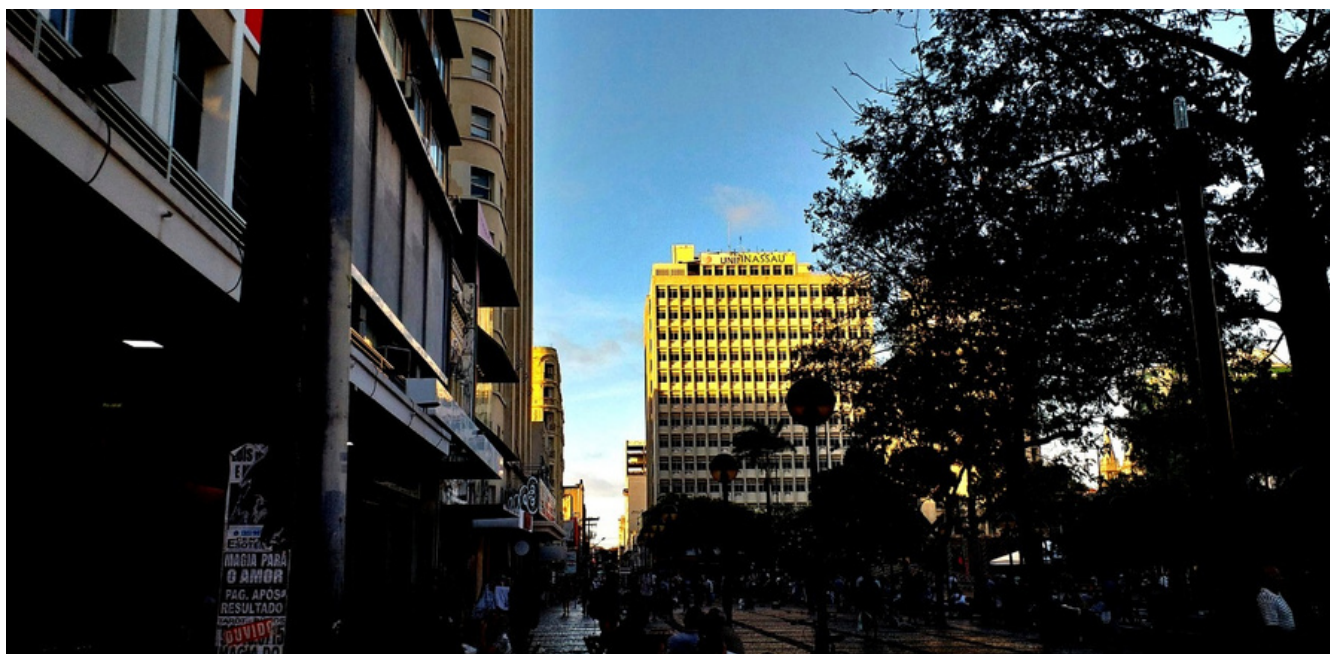


No final do ano passado – dia 20 de dezembro – completou 30 anos da inauguração da Praça do Ferreira. Na verdade, queremos dizer que, esta praça foi reinaugurada após uma longa reforma. A reinauguração ocorreu numa noite de sexta-feira, na presença de muitos fortalezenses sob a administração do prefeito Juracy Magalhães. O projeto arquitetônico, assinado por Fausto Nilo e Delberg Ponce de Leon.

Desde 1871, que aquele espaço (um largo de areia) possuía esse nome em homenagem ao político Antônio Rodrigues Ferreira, o famoso boticário Ferreira. E já se vão 150 anos deste “batismo”. Ao longo do tempo, passou por mudanças significativas em 1902, 1920, 1933, 1967 (aquela reforma que ficou conhecida pela instalação de estrutura de concreto, jardins suspensos e a derrubada da Coluna da Hora e do Abrigo Central) e a última, cujo desenho arquitetônico se mantém até hoje.

Com a reforma de 1991: o poço ficou descoberto, uma fonte de água foi instalada, a Coluna da Hora voltou e a parte da Major Facundo transformou-se em continuação do calçadão da praça. A instalação dos quiosques, postes, jardins e bancos de madeiras faziam referência a elementos do logradouro em outras épocas. Era a união de elementos do passado com uma proposta moderna.





















No final do ano passado – dia 20 de dezembro – completou 30 anos da inauguração da Praça do Ferreira. Na verdade, queremos dizer que, esta praça foi reinaugurada após uma longa reforma. A reinauguração ocorreu numa noite de sexta-feira, na presença de muitos fortalezenses sob a administração do prefeito Juracy Magalhães. O projeto arquitetônico, assinado por Fausto Nilo e Delberg Ponce de Leon.

Desde 1871, que aquele espaço (um largo de areia) possuía esse nome em homenagem ao político Antônio Rodrigues Ferreira, o famoso boticário Ferreira. E já se vão 150 anos deste “batismo”. Ao longo do tempo, passou por mudanças significativas em 1902, 1920, 1933, 1967 (aquela reforma que ficou conhecida pela instalação de estrutura de concreto, jardins suspensos e a derrubada da Coluna da Hora e do Abrigo Central) e a última, cujo desenho arquitetônico se mantém até hoje.

Com a reforma de 1991: o poço ficou descoberto, uma fonte de água foi instalada, a Coluna da Hora voltou e a parte da Major Facundo transformou-se em continuação do calçadão da praça. A instalação dos quiosques, postes, jardins e bancos de madeiras faziam referência a elementos do logradouro em outras épocas. Era a união de elementos do passado com uma proposta moderna.



Dez anos após sua reinauguração, naquele logradouro de 7.603 metros quadrados foi declarado Marco Histórico e Patrimonial de Fortaleza. Ícone da cidade.

Praça do Ferreira, do vento que gira e se esconde sob as asas dos pombos, dos trabalhadores e transeuntes, dos moradores em situação de rua, dos pipoqueiros e dos grevistas, do São Luiz, dos bancos ocupados, suas árvores, da Coluna da Hora, das edificações em sua volta.

Passados 30 anos, é evidente os problemas estruturais da praça. Estruturais e sociais! Não se trata meramente de uma revitalização do espaço (algo que é necessário).

Trata-se também de pensar e organizar a ocupação do espaço, bem como refletir e solucionar os problemas dos moradores em situação de rua que ocupam aquele lugar. Pena que o zelo por aquela praça é visível somente no final do ano. Pois é, o Natal de Luz só acontece no natal. É evidente que seus problemas refletem os problemas do Centro e da própria cidade.

Independente das mudanças que virão (ou o agravamento dos problemas que existem hoje), a Praça do Ferreira foi, é e continuará sendo o principal palco da cidade para suas manifestações políticas, culturais e religiosas. Todo festejo é bem acolhido por ela. Espaço pulsante, a memória da cidade passou, passa e vai passar por ali.

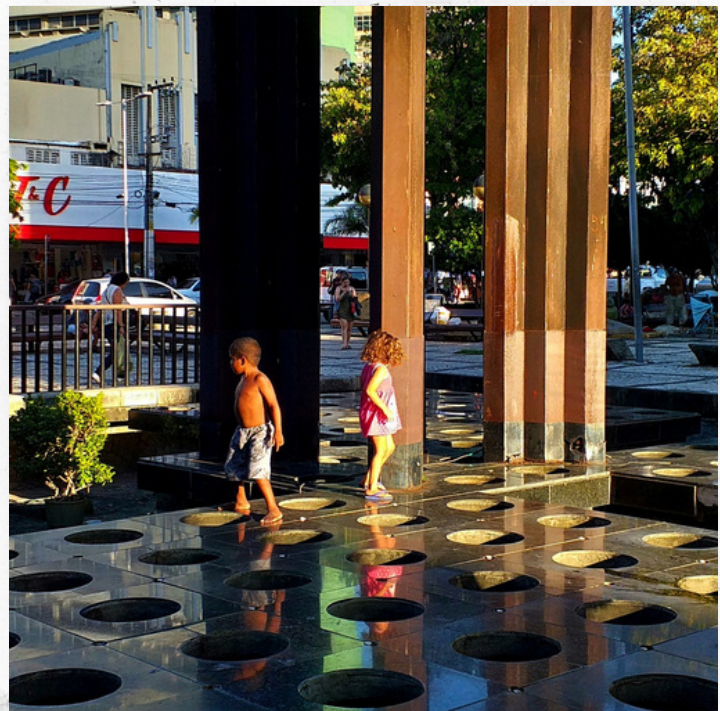
**Nos vemos no aniversário de  
200 anos da praça!**







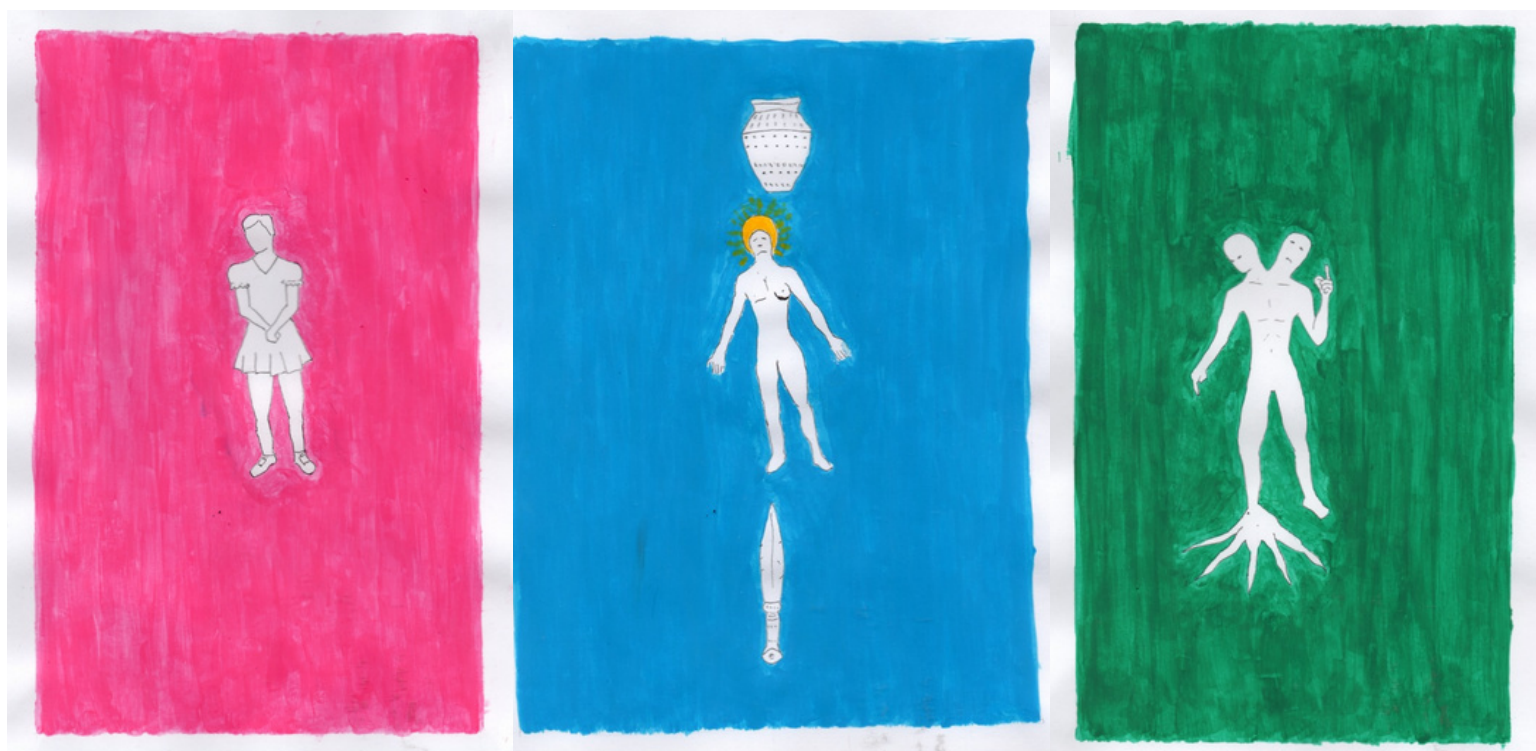
*Praça do Ferreira*



*Praça do Ferreira*



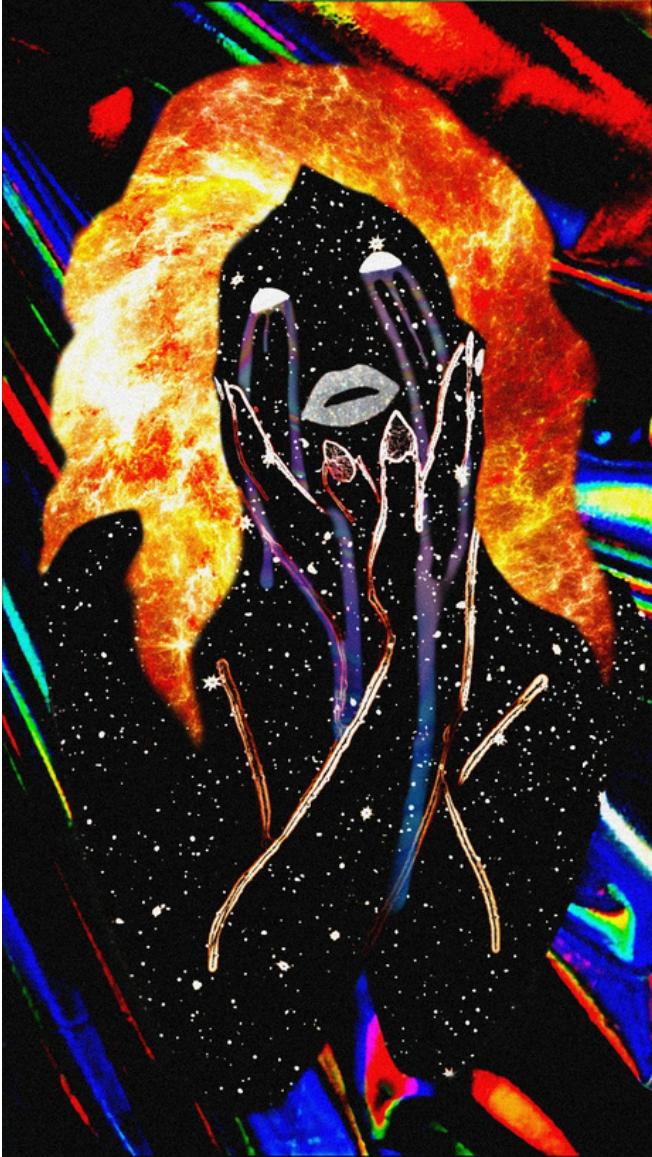
# OBJETIVA MÍSTICA ABSOLUTA



Por Edvaldo Ramos Leite\*  
[@eddevortex]



Editou as zines “Paranoia” e “Plano 9” divagando sobre terror, pessoas e cidades. Escreveu contos e crônicas no blog Domo Solar. Participou das antologias “A Chama Depende do Combustível” e “De Todas As Maneiras Que Há De Amar” e chegou a colaborar com a RevistaRia. Estudou Enfermagem, Cinema trabalhou com trens, é professor de Inglês e tradutor. Realiza experimentos vídeo-literários no canal [Biziborne](#) e no perfil de mesmo nome no Instaram.



# AURORA



Por  
**Aurora Arcana\***  
[[@soft.arcana](#)]  
[[@eroticarcana](#)]  
23 anos  
Redes sociais:  
[@soft.arcana](#)/[@eroticarcana](#)

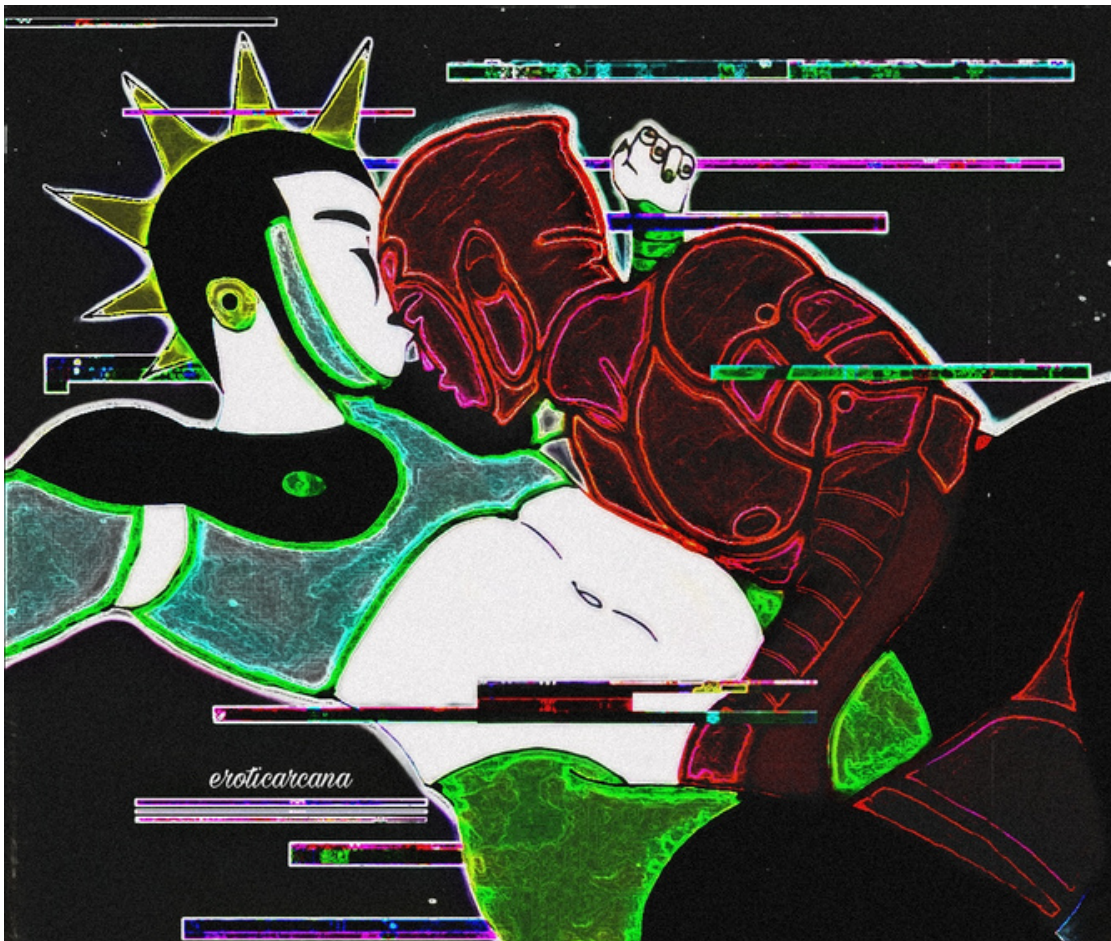


AURORA





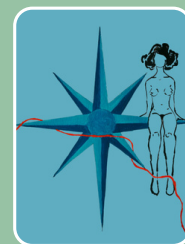
AURORA







# BIA



Por  
**Luana Beatriz\***  
[@luabiao]

Cresceu em Sobral (CE), mas natural de Fortaleza, retorna a capital onde atualmente estuda Teatro na Universidade Federal do Ceará.

Bia é artista multilinguagem, atriz, desenhista. Gosta de investigar a imagem, seja através do corpo, através de desenhos, ou fotografias.



# CARU



Por  
**Carolina Feitosa Bomfim\***  
 [@carolina.f.bomfim]

Formanda em Teatro pela UFC, arte-educadora, e artista residente em Fortaleza, me encanto pelas imagens diariamente. Cores, formas, luzes e traços estão sempre presentes em minha arte, seja no teatro ou nas artes visuais.





CARU





CS Digitalizado com CamScanner

# GONDIM



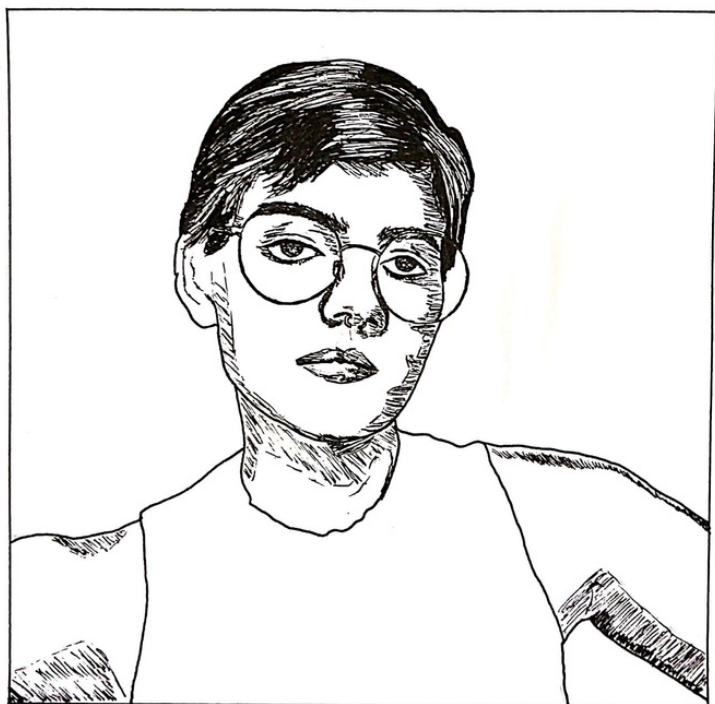
Por  
Larissa Gondim  
Freitas\*  
[@gondinadina]

Nascida e criada em Limoeiro do Norte (CE), vim para Fortaleza em 2018 para cursar Teatro-Licenciatura na Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente, sou uma educadora e multi-artista que encontra, nas pontas das canetas e nos palcos dos teatros, uma forma de expressar o que descobre ser a cada dia.

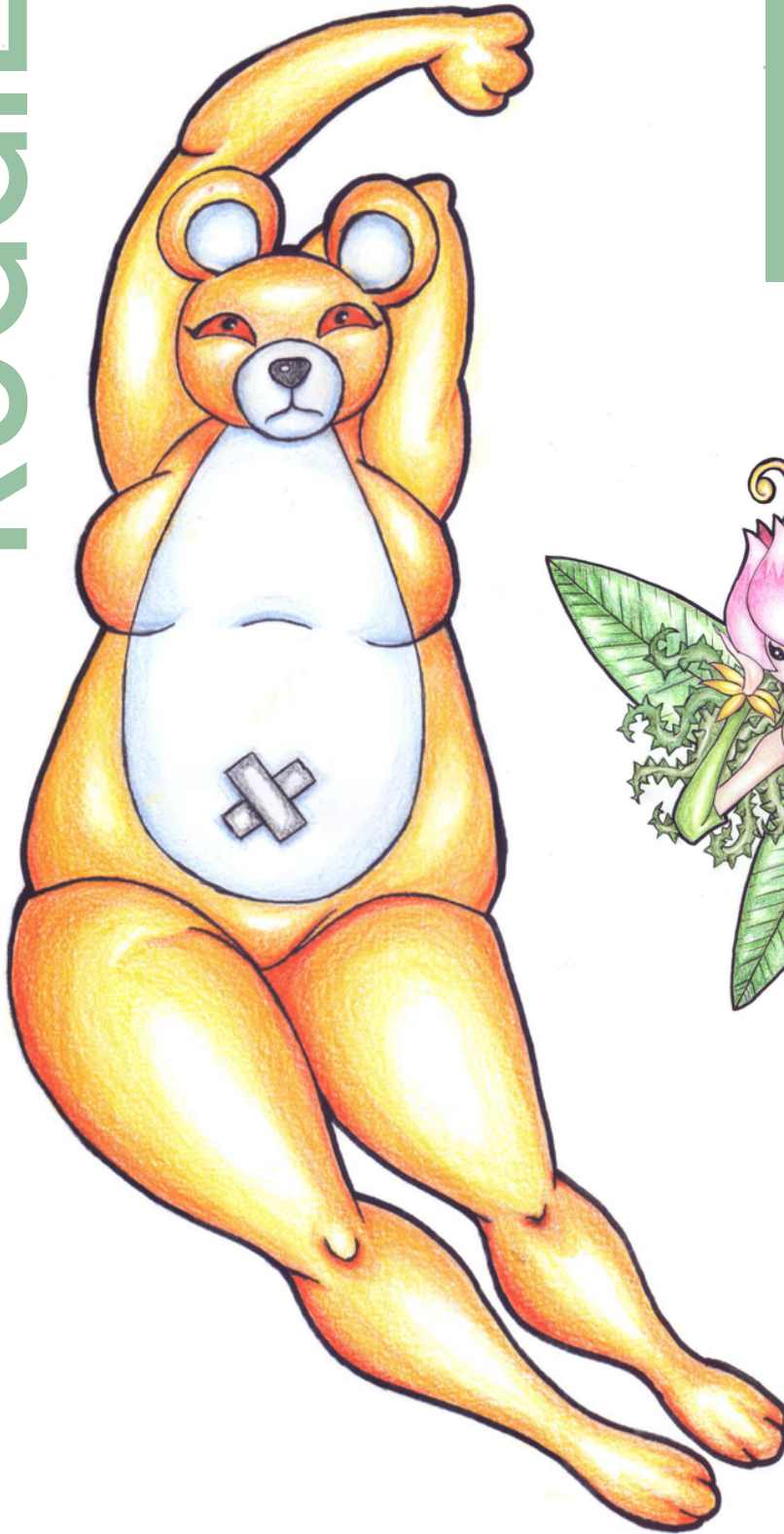




# GONDIM



# RUGGIERI



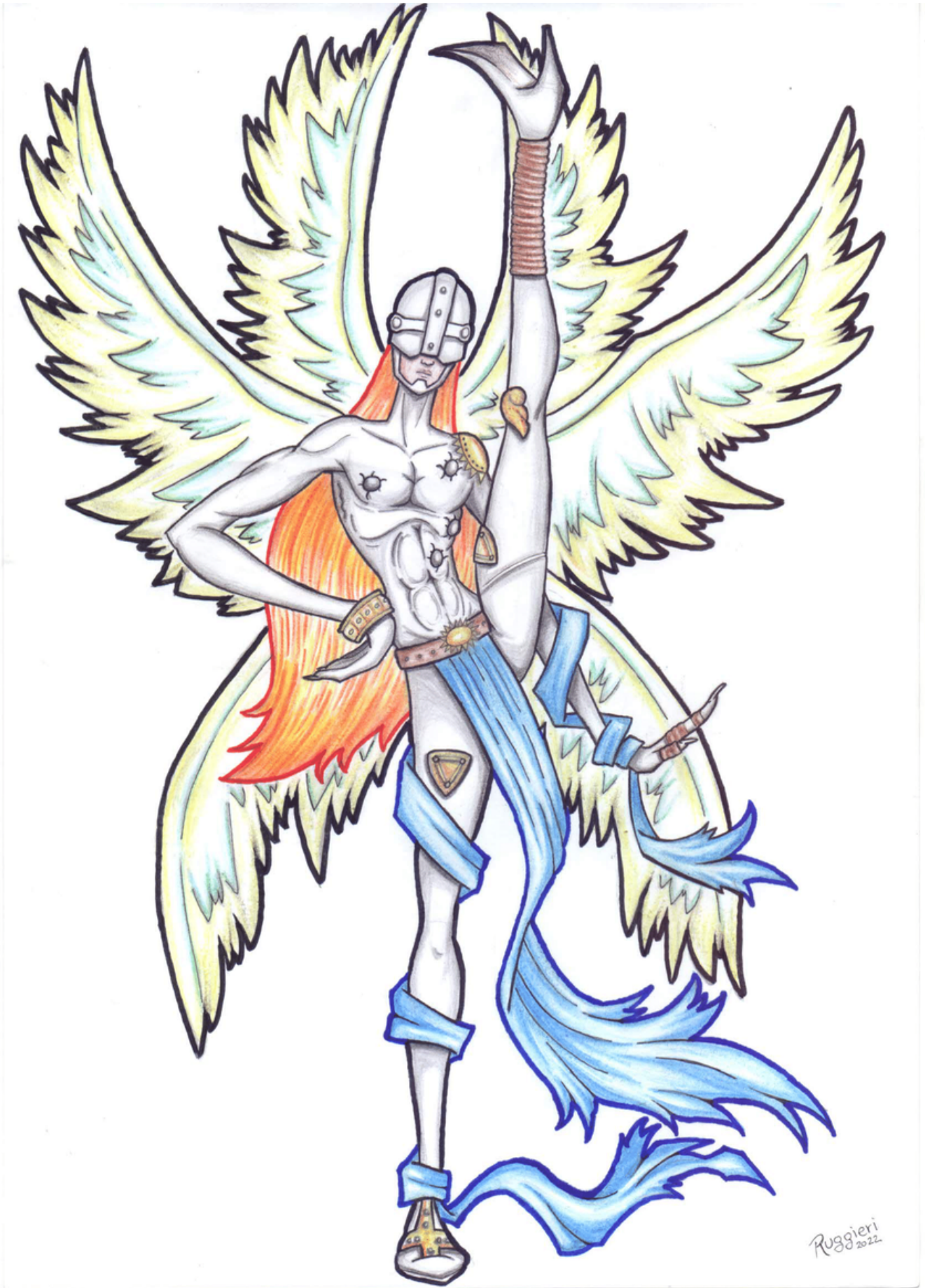
Clique para ver um pouco mais

Por Ruggieri\*  
[[@cachoramaga](#)]

A green rectangular box containing a circular profile picture of a dog wearing a purple wizard hat with a yellow square. Below the picture is a hand cursor icon with the text 'Clique para ver um pouco mais'. Below the icon is the text 'Por Ruggieri\*' and the Instagram handle '[@cachoramaga]'.



RUGGIERI





RUGGIERI

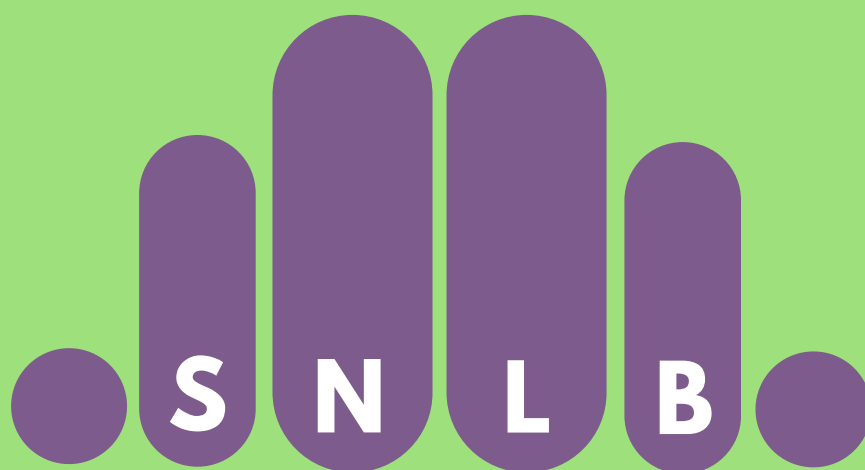




RUGGIERI



Ruggieri  
2022



**III SEMANA NACIONAL DO  
LIVRO E DA BIBLIOTECA  
DA BCCP/UFC**

**Livros: a voz da mulher contando o mundo**

**24 a 27 de outubro de 2022**





# Biblioteca

# Em Cena

